

Saskia Lingner Otavio
Vanderléa Ana Meller

CULTURA DE PAZ: UMA ABORDAGEM EDUCATIVA NO



1ª Edição

São José dos Pinhais
BRAZILIAN JOURNALS PUBLICAÇÕES DE PERÍODICOS E EDITORA
2023



**Saskia Lingner Otavio
Vanderléa Ana Meller**

**Cultura de paz:
Uma abordagem educativa
no Judô**

1º Edição

**Brazilian Journals Editora
2023**

2023 by Brazilian Journals Editora
Copyright© Brazilian Journals Editora
Copyright do Texto© 2023 As autoras
Copyright da Edição© 2023 Brazilian Journals Editora
Editora Executiva: Barbara Luzia Sartor Bonfim
Diagramação: Sabrina Binotti Alves
Edição de Arte: Sabrina Binotti Alves
Revisão: As autoras

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial:

Prof^a. Dr^a. Fátima Cibeles Soares - Universidade Federal do Pampa, Brasil.

Prof. Dr. Gilson Silva Filho - Centro Universitário São Camilo, Brasil.

Prof. Msc. Júlio Nonato Silva Nascimento - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Brasil.

Prof^a. Msc. Adriana Karin Goelzer Leining - Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Prof. Msc. Ricardo Sérgio da Silva - Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Prof. Esp. Haroldo Wilson da Silva - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil.

Prof. Dr. Orlando Silvestre Fragata - Universidade Fernando Pessoa, Portugal.

Prof. Dr. Orlando Ramos do Nascimento Júnior - Universidade Estadual de Alagoas, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Angela Maria Pires Caniato - Universidade Estadual de Maringá, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Genira Carneiro de Araujo - Universidade do Estado

da Bahia, Brasil.

Prof. Dr. José Arilson de Souza - Universidade Federal de Rondônia, Brasil.

Prof^a. Msc. Maria Elena Nascimento de Lima - Universidade do Estado do Pará, Brasil.

Prof. Caio Henrique Ungarato Fiorese - Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Silvana Saionara Gollo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Mariza Ferreira da Silva - Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Prof. Msc. Daniel Molina Botache - Universidad del Tolima, Colômbia.

Prof. Dr. Armando Carlos de Pina Filho - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Brasil.

Prof^a. Msc. Juliana Barbosa de Faria - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil.

Prof^a. Esp. Marília Emanuela Ferreira de Jesus - Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Prof. Msc. Jadson Justi - Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Alexandra Ferronato Beatrice - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Msc. Caroline Gomes Mâcedo - Universidade Federal do Pará, Brasil.

Prof. Dr. Dilson Henrique Ramos Evangelista - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil.

Prof. Dr. Edmilson Cesar Bortoletto - Universidade Estadual de Maringá, Brasil.

Prof. Msc. Raphael Magalhães Hoed - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil.

Prof^a. Msc. Eulália Cristina Costa de Carvalho - Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

Prof. Msc. Fabiano Roberto Santos de Lima - Centro Universitário Geraldo di Biase, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Gabrielle de Souza Rocha - Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Prof. Dr. Helder Antônio da Silva, Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas Gerais, Brasil.

Prof^a. Esp. Lida Graciela Valenzuela de Brull - Universidad Nacional de Pilar, Paraguai.

Prof^a. Dr^a. Jane Marlei Boeira - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Carolina de Castro Nadaf Leal - Universidade Estácio de Sá, Brasil.

Prof. Dr. Carlos Alberto Mendes Moraes - Universidade do Vale do Rio do Sino, Brasil.

Prof. Dr. Richard Silva Martins - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Tonani Tolfo - Centro Universitário de Rio Preto, Brasil.

Prof. Dr. André Luís Ribeiro Lacerda - Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil.

Prof. Dr. Wagner Corsino Enedino - Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil.

Prof^a. Msc. Scheila Daiana Severo Hollveg - Universidade Franciscana, Brasil.

Prof. Dr. José Alberto Yemal - Universidade Paulista, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Adriana Estela Sanjuan Montebello - Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

Prof^a. Msc. Onofre Vargas Júnior - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia da Silva Oliveira - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Leticia Dias Lima Jedlicka - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Joseina Moutinho Tavares - Instituto Federal da Bahia, Brasil

Prof. Dr. Paulo Henrique de Miranda Montenegro - Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Prof. Dr. Claudinei de Souza Guimarães - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Christiane Saraiva Ogradowski - Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Celeide Pereira - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil.

Prof^a. Msc. Alexandra da Rocha Gomes - Centro Universitário Unifacvest, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Djanavia Azevêdo da Luz - Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

Prof. Dr. Eduardo Dória Silva - Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Prof^a. Msc. Juliane de Almeida Lira - Faculdade de Itaituba, Brasil.

Prof. Dr. Luiz Antonio Souza de Araujo - Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Prof. Dr. Rafael de Almeida Schiavon - Universidade Estadual de Maringá, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Rejane Marie Barbosa Davim - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Prof. Msc. Salvador Viana Gomes Junior - Universidade Potiguar, Brasil.

Prof. Dr. Caio Marcio Barros de Oliveira - Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Brasil.

Prof^a. Dr^a. Ercilia de Stefano - Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cultura da paz: Uma abordagem educativa no Judô-
Organização: Saskia Lingner Otavio, Vanderléa Ana
Meller. -- São José dos Pinhais, PR: Brazilian
Journals, 2023.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-6016-026-2

DOI: 10.35587/brj.ed.0002337

1. ----- 2.----- 3. -----

Brazilian Journals Editora
São José dos Pinhais – Paraná – Brasil
www.brazilianjournals.com.br

AS AUTORAS



Vanderléa Ana Meller - Doutora em Educação, Mestre em Educação nas Ciências, Graduada em Educação Física. Professora na Universidade do Vale do Itajaí, no Mestrado em Gestão de Políticas Públicas e no curso de Educação Física. Pesquisadora na Linha de pesquisa Dinâmicas institucionais e Políticas Públicas. Coordenadora do Projeto de extensão “Mãos de Vida”, da UNIVALI. Orientadora no Programa Residência Pedagógica – CAPES.



Saskia Lingner Otavio - Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI, Graduada em Educação Física e Administração, empreendedora, integra o setor Administrativo da SKD JUDÔ de Itajaí/SC em Projetos Sociais.

PREFÁCIO

Um dos grandes desafios de Jigoro Kano era elaborar um estilo de arte marcial que fosse capaz de explicar não apenas as fases de ataque e defesa de uma disputa, mas, sobretudo propor um modo de viver que não se findasse apenas na execução de técnicas e preparo físico, mas avançasse à construção do caráter, da moral e da espiritualidade. Para isso, utilizou-se de filosofias e religiões para embasar essa nova arte marcial que ele denominou de judô. Ao ler a obra das autoras Saskia Lingner Otavio e Vanderléa Ana Meller me deparei com algo que, ao longo dos anos de docência na disciplina de judô para estudantes do ensino superior, mas me desafiava – a aplicação dos princípios educativos idealizados por Jigoro Kano no ensino do judô.

Surpreendentemente, as autoras vão além dessa aplicação e conseguem propor uma interação dialógica entre os princípios educativos de Jigoro Kano e a cultura de paz, passando pelas nuances do “ser” criança na infância na construção do movimento humano. Em linguagem clara e didática as autoras apresentam uma abordagem educativa do judô como um meio de promover a cultura de paz de forma bastante aprofundada e reflexiva. Tecendo uma linha entre os aspectos históricos e filosóficos do judô, passando pelas perspectivas educativas no ensino-aprendizagem da infância e fechando com uma proposta bastante elucidativa contendo a organização metodológica de uma abordagem educativa do judô na perspectiva da cultura de paz. Assim, essa obra é uma das primeiras a tratar dessas interações socioculturais de forma bastante didática e clara. Acredito que profissionais que trabalham com judô (professores, instrutores, alunos, pais, entre outros) se beneficiarão com um material de altíssima qualidade que busca o ensino do judô pautado não somente nos movimentos corporais (cultura corporal de movimento), mas, sobretudo nos pressupostos educativos de Jigoro Kano associados a uma cultura de paz pensada especialmente para a infância. Desta forma, recomendo a leitura desta obra e a aplicação dos preceitos nela apresentados.

Boa leitura!!!

Daniele Detanico
Doutora em Educação Física pela UFSC
Professora do Departamento de Educação Física da UFSC
Faixa preta de judô 1º Dan



SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	1
INTRODUÇÃO	
DOI: 10.35587/brj.ed.0002338	
CAPÍTULO 02	6
O JUDÔ E A CULTURA DE PAZ	
DOI: 10.35587/brj.ed.0002339	
CAPÍTULO 03	33
PERSPECTIVAS EDUCATIVAS PARA O JUDÔ NA INFÂNCIA	
DOI: 10.35587/brj.ed.0002340	
CAPÍTULO 04	62
ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ABORDAGEM EDUCATIVA DO JUDÔ NA PERSPECTIVA DA CULTURA DE PAZ	
DOI: 10.35587/brj.ed.0002341	
4.1 Estratégias educativas do judô para a cultura de paz.....63	
4.2 Confecção do boneco Judoca74	
4.3 Percepções sobre as práticas educativas para o judô97	
CAPÍTULO 05	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
DOI: 10.35587/brj.ed.0002342	

CAPÍTULO 01

INTRODUÇÃO

*“[...] o judô é mais que uma arte
de ataque e defesa.
É um modo de vida”.
(Kano, 2008, p. 20).*

A presente obra apresenta uma abordagem educativa para o Judô, como “um modo de viver” preconizado por Kano (2008), organizada com saberes e práticas para/das crianças na perspectiva da cultura de paz. Judô significa “caminho suave” e nele muitas trajetórias são possíveis para a vivência desta arte marcial, criada no Japão no século XIX, por Jigoro Kano. Na organização pedagógica, reconhecemos a necessidade de propostas integradoras do ser-saber-fazer da criança que brinca e organiza modos de vida, com delimitações didáticas que integram os direitos sociais e humanos.

A prática do Judô envolve movimentos expressivos do imaginário, revelados nos gestos e na fala das crianças, e na dinâmica do brincar dizem muito sobre seus sentimentos e percepções sobre as experiências vividas. O tempo de ser criança é dinâmico e fundamental para seu desenvolvimento, desejamos que o judô contribua com muitas aprendizagens, com avanços no repertório de movimento e habilidades cognitivas, sociais, técnicas, emocionais, entre outras.

As propostas educacionais atuais requerem a qualidade na formação dos docentes e discentes, bem como a proteção humana frente às diferentes condições de violência que atingem as crianças. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC integra a política nacional da Educação Básica e contribui para o alinhamento das demais políticas e ações relacionadas à formação, com proposições de objetos do conhecimento e competências para os discentes da educação básica. A escola assume compromissos de favorecer a formação integral e diálogo entre as diferentes culturas que integram a realidade escolar, com base nos direitos humanos e princípios democráticos, desnaturalizando qualquer ação de violência, física, verbal e simbólica, advindas dos grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos universais (Brasil, 2018).

No desenvolvimento de uma abordagem educativa do Judô para crianças, com base nos princípios da cultura de paz, buscamos propor objetivos e estratégias para fortalecer as relações de convivência com respeito mútuo, no cuidado de si e do outro. Os princípios do Judô são fundamentais para a intencionalidade da prática, pois exigem relações sociais desencadeadas no corpo em movimento, na compreensão humana para o bem-estar pessoal e coletivo. No desenvolvimento educativo a integração das pessoas e dos recursos envolve processos criativos para a prática do judô.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394/96, no Art. 61, expressa que a formação dos profissionais da educação envolve o atendimento às especificidades do exercício de suas atividades, entre elas, a proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes (Brasil, 1996). Neste contexto, as intervenções educativas integram um olhar ampliado para os saberes e valores que se constituem na cultura escolar.

Nas práticas do judô os processos teórico-práticos buscam amenizar as técnicas de combate e agressoras e possibilitam relações de diálogo na busca da harmonia do ser humano sensível-racional. Os princípios de paz e do Judô são bases para as aprendizagens fundamentais, por meio da convivência e comunicação que o esporte propõe.

Com vistas ao fortalecimento da cultura de paz, com empatia e respeito às pessoas e ao meio ambiente, consideramos o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) - 16: “Paz, justiça e instituições eficazes”, o qual propõe “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (Brasil, 2019). Para a efetivação e o desenvolvimento deste objetivo sugerimos práticas e reflexões constantes, com senso crítico integrador de valores e

de ações cotidianas coerentes no entrelaçamento da educação para a paz e a autonomia humana.

Nas dinâmicas do judô desejamos vivências e conhecimentos integradores do pensamento complexo, pois cultura de paz é um tema tecido na teia da sociedade, da cultura e do ser humano multidimensional. Para Morin (2000, p. 14), nos princípios do conhecimento pertinente, “É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo”.

A promoção da cultura de paz envolve saberes integradores do ser humano e o fortalecimento das instituições esportivas e educativas, portanto reduzir as formas e atitudes de violência é um processo educativo geral e constante. Confiamos que as práticas educativas do judô elevam as atitudes e valores sociais e vitais para a convivência entre as discentes/crianças e os profissionais, com equidade, pois “Os ensinamentos do judô dão a todos os indivíduos o mesmo potencial para o sucesso” (Kano, 2008, p. 27).

A presente obra foi produzida nos estudos na Linha de Pesquisa “Dinâmicas Institucionais e Políticas Públicas”, do Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas (PMGPP), da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); com base no projeto de pesquisa “Educação na contemporaneidade: políticas educacionais e saúde” e da dissertação de Saskia

Lingner Otávio, orientada pela professora Dra. Vanderléa Ana Meller. Visamos a promoção da prática do judô na infância na perspectiva da cultura de paz e o fortalecimento dessa arte marcial como luta, com base nos princípios de paz (Unesco, 2000), Weil (2007) e do judô (Kano, 2008), em prol da compreensão humana e de convivência (Morin, 2000). A partir de pesquisas de abordagem qualitativa, com base no método da hermenêutica fenomenológica, teórico-práticas e com delineamento documental, desenvolvemos a proposta que deu base para a organização de uma abordagem educativa do judô na perspectiva da cultura de paz.

No decorrer desta obra, apresentamos o contexto do judô em sua trajetória constitutiva como arte marcial, com base em Kano (2008) e seus princípios; o processo educativo na perspectiva da cultura de paz tem como base Weil (2007); as relações da infância e dos processos constitutivos formativos e suas linguagens com base em Merleau Ponty (1999; 2006); a organização de uma abordagem educativa do judô na perspectiva da cultura de paz, expressando os princípios e atividades fundantes desta proposição. A proposta está amparada nos pressupostos conceituais da cultura do judô e da paz, considerando as especificidades que integram a infância.

CAPÍTULO 02

O JUDÔ E A CULTURA DE PAZ

O judô é uma manifestação cultural de movimento definida como luta e esporte e envolve um amplo repertório de habilidades humanas que integram valores e atitudes correlacionados à cultura de paz. Ao situar a trajetória do judô em torno da sua constituição como cultura de movimento no âmbito das lutas, identificamos uma organização que o consolidou como luta e esporte olímpico, uma construção no campo esportivo e educativo. O desenvolvimento do judô apresenta elementos que integram a expressão humana e a arte do movimento, favorecendo os aspectos físicos, morais e espirituais, com forte inserção na promoção da cultura de paz.

O judô originou-se do antigo jujutsu, uma arte milenar japonesa que foi sistematizada como arte marcial e esporte de combate. O termo “jujutsu”, usado para designar diferentes estilos de lutas nas guerras (Virgílio, 2002), teve como propósito original ser usado como um método de combate. A intenção era principalmente derrubar e matar o oponente por meio de golpes em pontos vitais (Kano, 2008). Desse modo, é uma luta que foi criada com a finalidade de combate no tempo em que a guerra era fonte inspiradora para a preparação física e mental no Oriente.

Muitas artes marciais eram praticadas no Japão durante a sua era feudal, artes que faziam uso de lança, de arco e flecha, de espadas e de muitas outras armas. O jujutsu era uma dessas artes. Também chamado de taijutsu e de yawara, era um sistema de ataque em que se podia arremessar o oponente, bater nele, chutá-lo, apunhalá-lo, chicoteá-lo, estrangulá-lo, torcer-lhe ou entortar-lhe os membros e imobilizá-lo; e esse sistema também ensinava as defesas para tais ataques. Apesar de as técnicas do jujutsu serem conhecidas há muito tempo, só depois da segunda metade do século XVI ele passou a ser praticado e ensinado de maneira sistematizada. Durante o período Edo (1603-1868), o jujutsu se desenvolveu e tornou-se uma arte complexa, ensinada pelos mestres de muitas escolas (Kano, 2008, p. 19).

Jigoro Kano¹ foi o idealizador do judô e revisou os seus propósitos de combate, pois acreditava que ele deveria ser preservado como um tesouro cultural japonês, porém adaptado aos tempos modernos (Stevens, 2007). Kano (2008, p. 19-20), acerca de seus estudos, afirma:

Em minha juventude, estudei jujutsu com muitos mestres famosos. Seus vastos conhecimentos, fruto de anos de pesquisas constantes e de ricas experiências, foram muito valiosos para mim. Naquela época,

¹ Nasceu em 28 de outubro de 1860, no vilarejo de Mikage, na província Settsu (atual bairro de Higashinada, cidade de Kobe, no Japão). Terceiro filho de Jirosaku Kireshiba (1813-1885), filho de um sacerdote do xintoísmo, e de Sadako Kano. Inicialmente, foi nomeado “Shinnosuke”, o que posteriormente foi substituído por “Jigoro” (Kano, 2008).

cada pessoa apresentava sua arte como um conjunto de várias técnicas. Ninguém percebia o único princípio que existia por trás do jujutsu. Quando eu percebia diferenças nas formas de ensino das técnicas entre um professor e outro, em geral me sentia perdido, sem saber qual era a correta. Isso me levou a procurar um princípio que delineasse o jujutsu, um princípio que fosse aplicado sempre que se atacasse o oponente. Após um abrangente estudo sobre o assunto, percebi um princípio único que unia tudo: era necessário fazer o uso mais eficiente possível das energias mental e física. Com esse princípio em mente, estudei novamente todos os métodos de ataque e defesa que tinha aprendido, mantendo apenas aqueles que estivessem de acordo com esse princípio. Descartei os que não estavam de acordo e substituí-os por técnicas em que o princípio estava corretamente aplicado. Ao conjunto de todas as técnicas resultantes chamei então de judô, para distinguir essa arte de sua predecessora, e é ela que nós ensinamos na Kodokan.

Esse foi um período de muitas guerras e os samurais utilizavam diversas técnicas de combate, entre elas o *bujutsu*. O termo “bu” quer dizer “militar” ou “marcial”, e “jutsu” significa “arte” ou “técnica” de realizar determinadas ações com certa habilidade (Villamon; Espartero, 2011). Desse modo, *bujutsu* representa os “[...] métodos de combate desenvolvidos e praticados por guerreiros que envolvem aspectos técnicos, práticos e estratégicos para um combate real” (Villamon; Espartero, 2011, p. 68). O guerreiro lutava pela vida e essas

práticas não tinham valores morais ou espirituais. São artes de combate criadas pelas relações culturais, políticas e sociais da época; portanto, são manifestações da cultura de movimento de um determinado povo, características do humano que luta.

Posteriormente, surgiu o judô kodokan, o jujutsu convertido em judô, entendido como método educativo inicialmente, após integrar o propósito esportivo (Santos, 2013). A prática teve princípios redefinidos por Jigoro Kano para uma ação que possibilitava o aprimoramento humano em suas diversas capacidades e habilidades (Mesquita, 2014). Para tanto, ele fundamentou uma luta que desenvolve não somente os aspectos físicos, mas que envolve as técnicas, as leis da física de ação e reação, alavancas e desequilíbrios, bem como os aspectos morais e éticos com componentes filosóficos.

O judô estruturado por Jigoro Kano (Kano, 2008), com base nas escolas de jujutsu (o judô kodokan), foi adequado para o ambiente escolar por ser um método de luta (arte marcial); método de treinamento físico (educação física); método de treinamento mental (desenvolvimento moral e intelectual). Além disso, o “*Do*” (caminho) busca contribuir com a formação da sociedade.

As palavras *jujutsu* e *judo* são escritas; cada uma delas, com dois ideogramas chineses. O *ju* nas duas é o mesmo, e significa "gentilmente" ou "cedendo passagem". O significado de *jutsu* é "arte", "prática", e *do* significa "princípio" ou "caminho", o Caminho que é o próprio conceito de vida. *Jujutsu*

pode ser traduzido como "a arte gentil", *Judo* como "o caminho da gentileza"; portanto, primeiro é necessário ceder, para finalmente obter a vitória. *Kodokan* é, literalmente, "a escola para o estudo do Caminho. (Kano, 2008, p. 20).

Quando são abordados os princípios filosófico-educativos do judô, são referenciados os conceitos de *Ju* (gentilmente vencer a brutalidade), *Seiryoku Zenyo* (melhor uso da energia), *Jiko no Kansei* (aperfeiçoamento próprio) e *Jita Kyoei* (prosperidade e benefício mútuos), os quais completam o propósito maior da prática do judô kodokan, que conduz as práticas corporais na perspectiva da educação do homem integral (Kano, 2008).

A transformação da luta marcial em um método educativo ocorreu em um momento histórico de mudanças sociais no Japão e teve influência do mundo ocidental da era Meiji. Os valores, as instituições e as linguagens orientais e ocidentais fundiram-se, o que marcou um forte sincretismo em diversos espaços sociais. No entanto, ao final da Segunda Guerra Mundial, o judô perdeu parte dos conceitos e dos fundamentos que fizeram sua ligação com a linguagem, o pensamento oriental e as finalidades educativas originais para iniciar e consolidar sua expansão como esporte (Santos, 2013).

Na prática do judô, Kano (2008) expressa que, é fundamental o desenvolvimento do corpo e o treinamento das formas de ataque e defesa, sendo básicos o *kata* e o *randori*,

como formas de treinamento mental. - *kata*, significa "forma", é um sistema de movimentos preestabelecidos para os fundamentos do ataque e da defesa, das técnicas para bater, chutar, apunhalar, entre outras, com movimentos de arremessar e segurar o oponente, que também são praticados no *randori*. - *Randori* significa "prática livre", os praticantes fazem aproximação simulando uma competição. Pode executar os arremessos, imobilizações, aplicar chaves de juntas, porém não é permitido golpear ou chutar, ou outras técnicas que são adequadas somente para o combate real. É ideal para desenvolver o cuidado com o físico e seus movimentos são executados integrados à dimensão espiritual. O objetivo dessa prática de treinamento organizado e constante é de preparar o corpo físico e mental para reagir em qualquer emergência ou ataque, acidental ou intencional. Também colabora para que os participantes fiquem mais interessados, sinceros, cuidadosos, cautelosos e determinados para a ação, e aprendem a analisar, a tomar decisões rápidas e a agir.

No judô a luta corporal envolve o aperfeiçoamento ético-moral, com princípios filosóficos e visa a exaltação do caráter humano. Na interação entre os humanos, destacamos os valores e as atitudes que necessitam de coerência nas práticas educativas para a cultura de paz. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 1999):

A cultura de paz é um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que refletem o

respeito à vida, ao ser humano e à sua dignidade. Isso coloca os direitos humanos em primeiro plano, a rejeição da violência em todas as suas formas e a adesão aos princípios de liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como o entendimento entre povos, grupos e indivíduos.

O ser humano ainda apresenta dificuldade de estabelecer relações de proteção humana e ecológica e de lidar com a competitividade, em virtude dos “saberes absolutos” que reforçam a necessidade de acumular bens e vencer sempre, na lógica de eliminar o outro e considerar pouco os princípios de preservação da vida. Culturalmente, “[...] descarregamento ecológico, exclusão social, exploração sem limites dos recursos naturais, busca frenética e desumanizante do lucro, aumento das desigualdades encontram-se no cerne das problemáticas contemporâneas” (Morin, 2005, p. 5).

No mundo ocidental, a cultura de paz é interpretada na resolução de conflitos, em uma perspectiva de que a sociedade precisa ser educada a se relacionar para alimentar um mundo de paz. Dessa maneira, é relevante esse pensamento ser ampliado para uma vivência de paz cotidiana na sociedade. Fica evidente que os desafios para a cultura de paz, de fato, são inúmeros, por isso a importância da busca constante pela compreensão humana, a qual envolve o entendimento da prática do judô com respeito e responsabilidade social, realizada no contexto das relações dos sujeitos. Tornam-se fundamentais as

propostas adequadas das instituições educativas, sejam elas privadas, públicas ou do terceiro setor, com alcance educativo mais assertivo e efetivo para favorecer a compreensão do ser e dos saberes na prática do judô.

Os princípios do judô têm estreita relação com os princípios de paz, pois é uma prática que busca integrar os aspectos físicos e mentais do indivíduo. Todas as técnicas de ataque ou defesa são alcançadas pela eficiência e pelo equilíbrio do ser sensível-racional, em prol dos valores sociais que possibilitam refinar as ações da vida diária. As ideias de paz integram a origem do judô.

Jigoro Kano, um pacifista convicto, que dedicou toda sua energia para difundir no Japão e no Ocidente suas ideias de paz e de igualdade de direitos, independentemente de crenças religiosas, culturais e políticas em torno de um ideal educativo, mostrou sua capacidade de sintetizar diferentes correntes de pensamento num período de intensa revolução cultural que lhe permitiu a formulação de um método de ensino que se tornou uma importante instituição, o judô Kodokan (Santos, 2013, p. 159).

A paz reside nas ações frágeis e efêmeras no dia a dia da vida, incorporadas nos contextos que vivemos, nas pessoas, nas comunidades e que são condições indispensáveis para uma sociedade digna e próspera. “A paz é mais do que a ausência de guerra. Esse é o ponto de partida essencial da curva de aprendizado dos jovens” (Rokseth, 2018, p. 1). Com esse

propósito, a educação é uma área fundamental para promover a cultura de paz nos diversos lugares e instituições, com aprendizagens de valores e de atitudes cooperativas, dialógicas e interculturais.

Viver na dinâmica da cultura de paz é um processo cotidiano de atitudes que envolvem as relações com o outro e consigo mesmo. Na educação, para Weil (2007), ocorre o processo de transformação e de evolução dos planos: (i) equilíbrio físico, visando a saúde e o bem-estar; (ii) emocional, visando a transformação e a evolução da afetividade; (iii) mental, visando a transformação do conhecimento e de atitudes; (iv) espiritual, visando a transformação e a evolução da consciência para vários níveis de realidade. Dito isso, os professores são atores que têm a responsabilidade de promover a educação para a paz.

Os níveis de consciência e de realidade são importantes para avançarmos nos processos educativos, uma vez que envolvem relações sociais, individuais e ambientais, conforme Weil (2007), e são permeados por comportamentos que indicam equilíbrio, harmonia e paz. O reconhecimento dos papéis individuais e coletivos na dinâmica da cultura de paz é importante, pois todos somos responsáveis pelos comportamentos expressos na convivência.

O judô é uma luta que exige tais comportamentos, caso contrário torna-se uma prática agressiva e que contraria os

aspectos educativos, morais ou espirituais propostos na sua origem. Para Guimarães (2007), o que pensamos sobre a cultura de paz implica reconhecermos como a sociedade é organizada e qual poder ela exerce. Envolve, também, representações que constituem a cultura e a vida de um povo e suas interações de diversas maneiras, seja na esfera econômica, social, política; com isso, criam-se modelos de desenvolvimento educacional e de relações. Portanto, a não violência e o diálogo são fundamentais para a resolução dos problemas humanos.

Quando uma pessoa começa a treinar a arte do judô, são respeitadas suas fases de desenvolvimento, suas aprendizagens prévias e seu potencial, a fim de favorecer uma progressão adequada, bem como a criatividade, a iniciativa, a tomada de decisão, a humildade e a solidariedade (Santos, 2014). As pessoas em sociedade precisam de oportunidades para evoluírem e se perceberem integrantes de um conjunto, dado que são influenciadas e influenciadoras de saberes e de culturas. As tomadas de decisões são necessárias e no judô é possível favorecer essas iniciativas na constituição da luta e do contato com o outro. Os conhecimentos incorporados ocorrem a partir dos princípios da cultura de paz, evoluindo o ser humano para uma melhor vivência em sociedade.

Sobre a cultura de paz, o Manifesto 2000 da UNESCO (2000) expressa:

O ano 2000 precisa ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar

a cultura da guerra e da violência em uma cultura de paz e não-violência. Para tanto, é preciso a participação de todos. Assim, transmitiremos aos jovens e às gerações futuras valores que os inspiraram a construir um mundo de dignidade e harmonia, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade. A cultura de paz torna possível o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente e o crescimento pessoal de cada ser humano.

Nesse manifesto, há uma reivindicação para que todos reconheçam a sua responsabilidade com o futuro da humanidade, especialmente com as crianças. Para isso, o comprometimento envolve:

Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito;
Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas [...];
Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica;
Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural [...];
Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida [...];
Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade (Unesco, 2000).

Assim, uma cultura de paz e não violência está pautada em seis ações: 1) respeitar a vida; 2) rejeitar a violência; 3) ser

generoso; 4) ouvir para compreender; 5) preservar o planeta; 6) redescobrir a solidariedade (Unesco, 2000). São ações que consideramos fundamentais para constituir as propostas pedagógicas para o ensino-aprendizagem do judô na perspectiva da cultura de paz, que foram articuladas com um dos saberes expressos por Morin (2000), o de ensinar a compreensão humana.

O termo “cultura de paz” é contemplado para designar o respeito à própria vida e à vida do outro, o qual, por meio do diálogo, pode compreender as diversidades de povos e culturas e, assim, buscar o equilíbrio vital e emocional nas relações sociais.

A violência no Brasil é um problema que causa insegurança em nossa sociedade e gera perdas afetivas e financeiras. Além disso, está muito relacionada aos processos educativos, éticos e morais dos cidadãos e dos responsáveis pelo poder público que precisam primar pela segurança. A intolerância e a violência, muitas vezes, são frutos da exclusão social e que evidenciam atitudes negativas, por exemplo, os atos de rebeldia, como forma de autoafirmação de pessoas que vivem à margem da sociedade.

A questão da violência no Brasil é uma das maiores preocupações da sociedade. Os índices de violência e de insegurança, especialmente nos grandes centros urbanos, aumentaram nas últimas duas décadas. Atualmente, os homicídios são uma das principais causas de morte entre homens

jovens de idades entre 15 e 39 anos, sendo que a maioria das vítimas é constituída por homens negros (Unesco, 2021).

A exclusão que envolve o ser humano possibilita olharmos para os processos ocultos que o selecionam e o segregam. A exclusão é a fragilização de uma sociedade regida pela solidariedade mútua; envolve a necessidade de proteção social (Sposati, 2014). Castel (2008, p. 24), nesse mesmo viés, afirma que: “Na maior parte dos casos, o excluído é de fato um desfilhado cuja trajetória é feita de uma série de rupturas em relação a estados de equilíbrio anteriores mais ou menos estáveis, ou instáveis”.

As instituições escolares e socioeducativas têm assumido responsabilidades importantes para contribuir com a formação humana e cidadã dos indivíduos. Para Gohn (2006), a educação não formal desenvolve laços de pertencimento, ajuda na construção da identidade coletiva (um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade) e colabora para o desenvolvimento da autoestima e do empoderamento, o que cria o denominado capital social de um grupo.

A inserção da cultura de paz também foi fortalecida na educação formal com a Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018, ao alterar o Art. 12, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), incluindo “[...] a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos

de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino” (Brasil, 2018). Nesse propósito, é definida a necessidade de meios que acabem com a violência, principalmente o *bullying* nas escolas, e que fortaleçam as práticas para estimular a cultura de paz.

Ao incluir-se a educação de paz nas escolas, abrem-se possibilidades para reflexões sobre as percepções de cada um a respeito de suas vivências e de seus sentimentos, os quais refletem a realidade social, as condições inclusivas e as relações que são estabelecidas na convivência do ambiente escolar.

Nesse sentido, as abordagens educativas são fundamentais para um trabalho coerente com a educação para a paz. O aspecto comunitário tem grande relevância se alinharmos os objetivos com ações dirigidas visando a transformação social, no pensar-agir ético e responsável na vida cotidiana. Gohn (2010) afirma que as atividades desenvolvidas pelos educadores integram cenários futuros. Os diagnósticos da realidade social servem para localizar o presente, mas também para estimular imagens e representações sobre o futuro, como possibilidade, é uma força que alavanca sentimentos e mentes e impulsiona a busca de mudanças da realidade social excludente. A esperança fundamental dos seres humanos reaviva-se quando se trabalha com cenários do imaginário desejado, com os sonhos e os desejos de um grupo. As aprendizagens correm na escola formal e no âmbito não formal,

“A educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (Gohn, 2006, p. 28).

A relação da cultura de paz com o judô se estabelece na raiz dessa arte marcial para a formação contínua do ser humano. Ao compreendermos os motivos que levaram o idealizador do judô, Jigoro Kano, a desenvolver essa arte marcial, identificamos o contexto histórico do Japão, em tempos marcados por conflitos de poder da realeza e dos militares. Assim, com base em práticas corporais e exercícios estruturados para finalidades bélicas, na busca de paz e de qualidade social, foi necessária uma outra perspectiva para a luta marcial, conforme preconiza Kano (2008).

Enquanto dirigentes de uma instituição que ensina o judô, é necessário refletirmos sobre a relevância da instauração de conflitos de cada “ator”, perante os problemas enfrentados pelos praticantes do judô e os seus desafios na trama da vida. A função da família ou dos responsáveis é fundamental na vida dessas crianças, jovens e atletas, como também a influência que exercem em suas atitudes. Como entidade voltada à educação das crianças, precisa-se propor precocemente valores coerentes com a dignidade humana e proteção da vida. Nas palavras de Faria (2002, p. 31) cultura de paz é:

[...] a consciência permanente de valores da não-violência social. [...] não é simplesmente

ausência de guerra. É diferente também da passividade e da resignação. A cultura da paz não elimina oposições ou conflitos, mas pressupõe a resolução pacífica dos conflitos. E resolver os conflitos sociais de forma pacífica é uma mudança radical nos paradigmas que dão sustentação ao atual modelo civilizatório.

Os valores sociais que preservamos são fundamentais no entendimento e ação social, pois são carregados de princípios que constituímos culturalmente e que nos constituem permanentemente. Os problemas de conflitos familiares e outros conflitos sociais nasceram em torno de uma educação reducionista e disciplinadora “[...] que impossibilita[m] ao ser humano ver suas ações inter-relacionadas com essas degradações da natureza” (Souza; Ertzogue; Zwierewicz, 2020, p. 120). Nesse contexto, trabalhar o esporte educacional nos remete aos princípios filosóficos instituídos para o judô, postura reflexiva e de defesa à vida.

Morin (2000) defende a relação entre as partes e o todo e constrói a perspectiva da complexidade, que, no seu cerne, traz a humanização da educação, a fim de evitar os atuais processos educativos que encontram a sua existência na inércia da fragmentação do conhecimento. As demandas da nova realidade instigam profissionais de todos os segmentos a transpor os limites das suas “áreas” e a conceber novos métodos de ensino que utilizem as necessidades emergentes da realidade dos educandos. O esporte, como área de ensino-

aprendizagem, pode adentrar na humanização dos processos educativos e contribuir com a compreensão humana.

Identificamos que os sistemas vivos não são lineares e os relacionamentos envolvem valores construtivos a serem vislumbrados em uma nova maneira de ver o mundo. O ser humano, em suas relações sociais, integra o ambiente e deve aprender a respeitar e evoluir a partir de conhecimentos integradores.

Reconhecer que os conhecimentos são plurais dentro e fora da universidade é reequilibrar o que foi estabelecido na primeira modernidade: a relação entre as ciências naturais e as práticas sociais. Dessa maneira, a hierarquia do conhecimento disciplinar dialoga com outras formas de conhecimento que foram deixadas de lado pela modernidade tardia. Para que haja um mundo melhor, mais humano, justo, fraterno e solidário, é necessário integrar a criação de demandas educacionais com as demandas humanas (Moraes, 2008).

Os padrões culturais que foram empregados no ensino do judô na atualidade acabaram enquadrados nos modelos dos esportes competitivos de rendimento, principalmente por ter se tornado um esporte olímpico. Com isso, muitos princípios originários do judô se perderam pelos novos padrões culturais.

Aqui cabe fazermos um destaque sobre o termo “cultura”, que, na visão sociológica, pode ser entendido de modo mais restrito como “[...] conjunto de crenças, opiniões, atitudes e

hábitos que regem o comportamento dos indivíduos de determinada sociedade [...]” (Weil, 2007, p. 40). Entretanto, de modo mais abrangente, pode ser entendido “[...] como expressão do nível de evolução de indivíduos, de sociedades e da relação com a natureza” (Weil, 2007, p. 40).

A construção do judô apresenta os registros culturais e desejos de uma época em que a paz era uma condição mais necessária pelos conflitos militares e bélicos, de jogos políticos, culturais, sociais e tecnológicos. No entanto, por mais que não exista uma guerra militar, não significa que os conflitos não estejam presentes na sociedade. Para Nicolescu (2007, p. 5), “[...] não há paz no mundo se nossas mentes e almas não estão em paz. Hoje, a transdisciplinaridade é uma das maneiras de se construir a paz da mente e da alma”.

Os conhecimentos que estão ligados no uso do prefixo “trans” podem promover a compreensão do mundo atual a partir da unidade de conhecimento, pois se referem ao que está “entre”, quer dizer, o que está entre as disciplinas e além delas. Se incluirmos os diferentes níveis de realidade, os espaços entre as disciplinas podem ser carregados de potencialidades (Nicolescu, 2007).

O judô é uma temática que carrega um potencial transdisciplinar de conhecimentos do mundo exterior do objeto e interior do sujeito, que podem ter correspondências, ampliando a sua compreensão para a modalidade e para outras áreas. “O

ponto de vista transdisciplinar nos permite considerar uma realidade multidimensional, estruturada por múltiplos níveis, em lugar da realidade unidimensional, de nível único, encontrada no pensamento clássico” (Nicolescu, 2007, p. 7). São processos perceptivos que nos possibilitam reconhecer os fenômenos e os diferentes níveis de realidade, empregando um novo sentido para o conhecimento.

Interligados às ações e às proposições da cultura de paz, estão os principais princípios de desenvolvimento do judô: *Jita Kyo-e* e *Seiryoku Zenyo*, os quais são amplos e “regem” o modo de vida dos judocas, muito semelhante ao bushido dos samurais².

Jita Kyo-e significa prosperidade e benefício mútuos. Watson (2011) afirma que esse princípio estabelece a disponibilidade de relacionamentos entre as pessoas. Uma boa relação é construída com ajuda mútua e cooperação. O autor menciona que “[...] isso significa que devemos estar dispostos a considerar as opiniões dos outros e mostrar disposição para entendimento” (Watson, 2011, p. 154). Esse princípio foi adotado pelo fundador do judô e tem o objetivo de reverberar na sociedade a convivência entre os indivíduos. Por isso, é de suma

² Segundo Hoffmann (2007), o *bushidô*, código moral baseado nos costumes dos samurais, influenciou a nação nipônica tanto no comportamento quanto em sua maneira de pensar. Mais do que normas e palavras, o *bushidô* foi passado de geração em geração e está presente na essência do povo japonês.

importância que cada um se empenhe para a melhoria dessa sociedade.

Por sua vez, *Seiryoku Zenyo* quer dizer o uso da energia para o bem. No trabalho diário, decisões acerca de como trabalhar, em que ordem fazer as atividades ou qual método usar devem ser tomadas em *Seiryoku Zenyo*. Em resumo, se as pessoas estiverem sempre conscientes de sua situação, serão capazes de criar um padrão para o futuro, com base nos benefícios que ele trará para o ajuste dos comportamentos humanos e para uma vida gratificante. A energia implica atos altruístas para o bem da sociedade, os que encontram o seu próprio caminho, que praticam judô e empregam o *Seiryoku Zenyo* são “[...] os que seguem o princípio sempre tem o espírito calmo, sabem aproveitar a vida e são empreendedores. A vida mental humana mais avançada só pode ser atingida quando as pessoas realmente compreendem esse princípio” (Kano, 2008, p. 66).

A consciência humana mais avançada no esporte só pode ser atingida quando as pessoas realmente compreenderem os princípios do judô e colaborarem para o avanço do ser humano e da sociedade. A criança ao realizar a prática do judô não deve ficar na inércia quando identifica dificuldades pessoais e sociais, mas precisa encontrar apoio para atitudes que beneficiem a todos ao empregar os princípios da luta e da paz.

Desta maneira, se cada membro do grupo ajudar os demais e agir de maneira altruísta, o grupo poderá ser harmonioso e agir como uma só pessoa. Ou seja, ele pode usar melhor sua energia, assim como um indivíduo. Esse princípio vale até no caso de uma sociedade mais complexa, com uma população de milhões de pessoas. Se "*Seiryoku Zenyo* e *Jita Kyoel*" forem implementados, a vida social continuará a progredir e a se desenvolver naturalmente e, como membros da sociedade, cada um poderá atingir os resultados que deseja para si (Kano, 2008, p. 61).

Esses princípios abordados devem ser desenvolvidos nas aulas de judô, que têm como objetivo não apenas a prática da luta, mas o desenvolvimento global do ser humano e da sociedade. Na época da implementação e da organização das técnicas, das filosofias e dos preceitos do judô, o Japão passava por grandes mudanças políticas e sociais. Foi nesse cenário que Jigoro Kano, professor universitário, estudioso de lutas, idiomas, religiões orientais e filosofia, criou uma arte marcial mais coerente com a dinâmica da vida e da evolução humana.

A luta corporal com aperfeiçoamento moral está envolvida por princípios filosóficos e busca a exaltação do caráter e da essência do espírito marcial dos samurais. "O judô como educação física, com o objetivo de criar um corpo forte e sadio, a sua prática não deverá causar para o corpo problemas, e sim, desenvolvê-lo num todo integrado" (Kano, 1994, p. 20).

Desse modo, as práticas pedagógicas envolvem o judô na cultura de paz e estimulam as crianças a compreenderem a paz por meio da imaginação criadora e das relações práticas da arte marcial. Desenvolver a criatividade de maneira intencional é primordial, “[...] em primeiro lugar, porque o inventar e criar na criança são coisas naturais e respondem a uma de suas necessidades e, por outro lado, porque se faz necessária para um melhor desenvolvimento de uma sociedade como a nossa” (Torre; Violant, 2006, p. 245).

Entre as dimensões humanas, a espiritualidade tem estreita relação com a cultura de paz, pois fortalece a dinâmica da vida. O judô apresenta potencial integrador com a cultura de paz e a espiritualidade, visto que agrega a energia vital em sua prática, focada para a evolução de si e do outro. Para Kano (2008), o judô torna-se uma maneira de viver a partir dos princípios da luta e do fortalecimento espiritual. Conforme Dittrich, Pahl e Meller (2021), o fortalecimento da espiritualidade humana envolve a abrangência e a complexidade do humano e da ciência, bem como está inserido em uma realidade multidimensional da vida e da educação.

A espiritualidade é uma das dimensões humanas a ser considerada na formação do indivíduo e identificamos o quanto ela foi valorizada na constituição do judô. Segundo Dittrich (2010), espiritualidade, etimologicamente, é a qualidade e a manifestação do espírito, que, do hebraico, quer dizer “*ruach*”

(sopro de vida, energia em movimento criador para o ser e o fazer humano). É a gênese de Deus que se atualiza permanentemente na visão da filosofia vitalista-espiritualista de Bérghson. O sopro da vida é o *élan* vital que se expressa como um fenômeno espiritual, indicando a direção da criatividade da vida, a qual se expande no ser e no fazer humano.

A energia vital da espiritualidade, a densidade e a ludicidade necessárias para a formação de uma criança são encontradas no mundo infantil, entretanto, é preciso favorecer estímulos para que se reconheçam como seres livres, únicos e capazes de criar e de se expressar.

O judô proposto por Jigoro Kano envolve aspectos de elevação da espiritualidade interligados à cultura de paz, com princípios reconhecidos socialmente e vinculados ao bem-estar pessoal e social. Para Frankl (2008), as pessoas em circunstâncias de delicada sensibilidade emocional enfrentam de forma mais dolorosa seus sofrimentos. No entanto, elas conseguem suportar melhor a vida e seus sofrimentos se conseguirem se refugiar em um domínio de liberdade espiritual e riqueza interior que promove a busca das razões existenciais, de ser no mundo.

Conforme Dittrich, Pahl e Meller (2021), a espiritualidade natural é um potencial humano que pode ser integrado nas propostas educativas, pois é uma maneira de ser no mundo ligada ao amor, ao sofrimento, à liberdade e à ética, que envolve

assumir responsabilidades no decorrer da trajetória de vida em sociedade.

Os conhecimentos desenvolvidos nas atividades do judô integram processos formativos e profundos do potencial de ser, saber e fazer, o que amplia a harmonia das vivências. Assim, ocorrem relações que envolvem a multidimensionalidade humana em suas dimensões sociais, culturais e biopsicossociais, as quais promovem habilidades integradoras e fortalecedoras de si, do outro e com a natureza. A espiritualidade favorece vivências positivas como “[...] uma dimensão de força vital que amplia a visão de mundo e fortalece para o desejo de viver, para a convivência harmônica e com energia construtiva em diferentes ações cotidianas [...]” (Dittrich; Pahl; Meller, 2021, p. 285). A prática do judô envolve habilidades centradas no ser humano que expandem sua consciência para a conexão corporal e o fortalecimento da energia vital.

Para Morin (2000, p. 76), é fundamental “[...] inscrever em nós: a consciência espiritual da condição humana que decorre do exercício complexo do pensamento e que nos permite, ao mesmo tempo, criticar-nos mutuamente e autocriticar-nos e compreender-nos mutuamente”. O potencial espiritual torna-se essencial para o exercício do ser criança na cultura de movimento, em que manifestações (intersubjetivas) se constituem no desejo de viver, no brincar e no dialogar. Na proposta educativa do judô, consideramos a espiritualidade

essencialmente necessária para o fortalecimento da formação humana desde a infância. Assim, a partir dos princípios do judô, buscamos integrar uma visão teórico-prática no contexto da cultura de movimento das propostas educativas.

As propostas que integram a espiritualidade exigem posturas reflexivas e permanentes em torno das práticas vivenciadas. Para Dittrich (2010), o ser humano é complexo em sua estrutura, uma vez que possui a capacidade de autointegrar suas dimensões na dinâmica criativa da energia vital, a qual perpassa as dimensões biofísicas, psíquicas e espirituais e permitem que a vida, em sua energia vital de amor-criador, se movimente em si e fora de si.

A espiritualidade é uma dimensão que constitui o ser humano. De acordo com Dittrich, Pahl e Meller (2021, p. 184): “A espiritualidade natural é considerada como uma manifestação autêntica do ser humano, da força vital e criativa expressa nas relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, como unidade integrante da natureza”. Na prática do judô, a criatividade expressiva na luta ocorre por meio de diálogos que são respeitosos e ampliam o sentido da prática, das relações de troca do conhecimento.

Entre as razões existenciais, a paz é um processo de permanente conquista e preservação humana. Nesse contexto, o princípio maior é do cuidado, pois é preciso cuidar para possibilitar a continuidade do existir. Para Boff (2007, p. 36),

[...] a inspiração para a cultura da paz está primeiramente em nossa vontade, pois, se não desejarmos, não alcançaremos, seguida do processo antropogênico, o qual nos tornou humanos na evolução e fornece dados sobre a construção cultural, os impactos ambientais, sociais e corporais.

As implicações didáticas envolvidas nas práticas pedagógicas derivam de uma visão abrangente, visto que a educação para a paz é projetada como uma alternativa a não violência e promovê-la requer a preparação de profissionais capacitados – uma prioridade social contemporânea. A partir dessa afirmação, propomos práticas pedagógicas para uma abordagem educativa, em uma rota que interligou os saberes do judô e da cultura de paz. Não foram ensinadas somente as técnicas do judô, mas um processo de ser e de conviver com base nos saberes que envolvem habilidades sociais.

De acordo com Kunz (2004), o modo como brincamos, jogamos, lutamos identifica a nossa cultura de movimento. No âmbito pedagógico da área da Educação Física, damos atenção ao mundo fenomenológico dos movimentos, os quais são interpretados e compreendidos no seu aspecto “natural” e dão abertura para os fenômenos que se apresentam. Essa é uma maneira de contrastar com a realidade do mundo vivido e objetivo, pois apresentam uma forma artificial e fragmentada do real.

Compreender como é conduzido o processo de ensino-aprendizagem é fundamental e integra o propósito do judô como “caminho suave”, conforme proposto por Jigoro Kano. Para Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 18), é preciso incluir “[...] o método como caminho, ensaio gerativo e estratégia ‘para’ e ‘do’ pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente, não-abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar ‘em’ e ‘durante’ o seu caminho”.

Propor uma abordagem educativa para judô e para crianças exige caminhos que favoreçam percursos educativos adequados e o reconhecimento do ser criança no seu tempo de infância.

CAPÍTULO 03

PERSPECTIVAS EDUCATIVAS PARA O JUDÔ NA INFÂNCIA

As propostas educativas do judô perpassam perspectivas sociais, expressivas, culturais e espirituais para a percepção e compreensão da criança e envolvem processos de organização pedagógica coerentes com os objetivos que se desejam alcançar. De acordo com Morin (2000, p. 93), a educação do futuro tem “[...] a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade”. Consideramos que esses são saberes fundamentais para um judô educativo que preze pela paz, dado que “[...] a consciência de ser solidários com a vida e a morte, de agora em diante, une os humanos uns aos outros. A comunicação triunfa [...], há importantes e múltiplos progressos da compreensão, mas o avanço da incompreensão parece ainda maior” (Morin, 2000, p. 93).

O processo educativo do judô não envolve somente os domínios técnicos, pois as relações de diálogo são necessárias e estão muito presentes. Nessa perspectiva, é fundamental o fortalecimento do humano que se movimenta e se expressa por meio das diferentes técnicas do judô, com atividades coerentes aos princípios de paz e às condições de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças.

O movimento humano nos esportes e nos jogos precisa alcançar as dimensões criativas e simbólicas das crianças em um “se-movimentar” livre, que favoreça sua imaginação e sua fantasia, em uma aventura de estar plenamente concentrada nos desafios e socialmente referenciada e articulada. Essa é uma condição que favorece a compreensão do outro de modo mais abrangente e a vida ganha sentido, ao promover sentimentos de autorrealização, prazer e conhecimentos pertinentes (Costa *et al.*, 2016).

A vivência livre e expressiva do judô pode favorecer as aprendizagens da criança, pois os movimentos tornam-se parte de um fazer e de um ser espontâneos. “Um dos problemas centrais vividos a partir da esportivização do judô diz respeito a esses novos valores culturais que são construídos em torno da prática competitiva” (Santos, 2013, p. 175). O judô tem um caráter educativo que se dá a partir de seus princípios, os quais precisam ser valorizados no processo de ensino-aprendizagem, em um movimento de aproximar os fundamentos educativos propostos por Kano (2008) em sua metodologia original para essa luta marcial.

Ensinar é um processo que exige planejamento coerente com as temáticas e os objetivos propostos, bem como envolve estratégias que articulam uma metodologia centrada no saber-fazer com criatividade e as descobertas das capacidades de ser,

que promovem aprendizagens para a evolução da compreensão do mundo vivido.

Conforme Morin (2000), o problema da compreensão é duplamente polarizado, pois, de um lado, encontramos o polo planetário, que diz respeito à compreensão entre os humanos e a diversidade entre pessoas e culturas; e de outro lado, temos o polo individual, que se articula às relações particulares com o outro. Esse problema é ameaçado pela incompreensão, principalmente pelo axioma contrário de que “[...] quanto mais estamos próximos, menos compreendemos” (Morin, 2000, p. 94), pois a aproximação tem causado muitos mal-entendidos e agressividades.

O judô possibilita uma grande aproximação corporal e um diálogo que está muito presente no corpo expressivo. Isso porque cada golpe é uma expressão que imprime ao outro uma resposta e assim a luta acontece. A luta abrange um processo expressivo e envolve a criança em uma forte solicitação do seu esquema corporal. Para Merleau-Ponty (1999, p. 145), o esquema corporal “[...] não será mais o simples resultado das associações estabelecidas no decorrer da experiência, mas uma tomada de consciência global de minha postura no mundo intersensorial [...]”. Nesse âmbito, de acordo com o autor, o “[...] esquema corporal devia montar-se pouco a pouco no decorrer da infância e à medida que os conteúdos táteis, cinestésicos e articulares se associassem entre si ou com conteúdo visuais e

os evocassem mais facilmente” (Merleau-Ponty, 1999, p. 144). Assim, entendemos que as práticas educativas para a vivência do judô são importantes para uma proposta de interligação com corpo em todas as dimensões: física, biológica, psicológica, social e cultural.

Segundo Santos (2013), ao construir um método educativo eficaz, Kano realizou alterações na parte técnica do jujutsu, o que evitou práticas que causassem lesões, e buscou aperfeiçoar as pegadas (*kumi kata*) para os golpes de projeção que orientassem e promovessem a queda do indivíduo com menor risco. Também aperfeiçoou as técnicas de queda (*ukemi*) para proteger os judocas, criou um sistema de graduação (*kyu – Dan*) para o judoca aprender e conquistar a mudança de faixa, uma forma de reconhecê-lo pelo seu empenho, e elaborou diversos *katas*. No entanto, é importante salientarmos que o sentido maior do judô envolve o desenvolvimento de uma atitude moral coerente com seus objetivos.

A construção do judô ocorre com referência a uma compreensão humana, pois o envolvimento técnico do esporte é uma interação social que emprega valores e atitudes que refletem os princípios propostos e desejados pela arte marcial. Conforme Santos (2013, p. 117), “[...] o *ju* (ceder e flexibilidade), termo que permanece na construção do judô, entendido tanto do ponto de vista físico como mental, implica em absorver a força de um oponente num processo de interceptação, descarte e/ou

neutralização”. Não há aqui o desejo de ataque “duro”: o “[...] termo *jujutsu* [...] deriva de *ju yoku go o seisu*, que pode ser traduzido como *o suave controla o duro*” (Kano, 2008, p. 35).

Para Cartaxo (2011), o judô se diferencia das lutas por conta de Jigoro Kano, uma vez que se baseou no princípio de “ceder para vencer”, utilizando a não resistência para controlar, desequilibrar e vencer o adversário com o mínimo de esforço. É uma atividade física criada para a educação global dos praticantes, não somente para a conquista da vitória. São proposições que convergem com a perspectiva da compreensão humana de Morin (2000), o qual afirma que há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana ou intersubjetiva. “Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, compreender, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação” (Morin, 2000, p. 95). Todavia, a compreensão humana vai além da explicação, pois

[...] comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Por conseguinte, se vejo uma criança chorando, vou compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em mim minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela. O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o ego alter que se torna alter ego. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia,

de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade (Morin, 2000, p. 95).

Favorecer a compreensão humana é um exercício que exige atenção ao outro e aos fenômenos, um processo interpretativo subjetivo e intersubjetivo dos sujeitos a fim de avançarem em suas aprendizagens. Assim, pensar nas aprendizagens do judô na infância exige um trabalho didático coerente com os princípios de solidariedade e de reintegração no fazer cotidiano.

As propostas educativas que envolvem o judô como manifestação cultural e esportiva integram diferentes estratégias que possibilitam atingir os seus objetivos. Desenvolver o judô na infância envolve muitas responsabilidades em torno da formação humana e cidadã. Nesse sentido, é fundamental, para um trabalho coerente, considerarmos as características da idade e as perspectivas de ser criança.

Nesse viés, questionamo-nos: Como favorecer as práticas educativas e expressivas do judô na infância com vivências perceptivas que integram um diálogo reflexivo do corpo em movimento? Esse é um desejo para o processo educativo da criança, o qual a permite brincar e revelar suas percepções. Com isso, afirmamos que o judô é uma dinâmica que se constitui no corpo em movimento, nas diversas linguagens expressivas da motricidade, da arte e da cultura do

indivíduo.

A criança em movimento não é mera reprodutora do que vê, é “[...] autora, constituidora de sentidos e significados no seu ‘Se-Movimentar’. Por isto sempre há uma intencionalidade criativa no ato de se-movimentar” (Costa *et al.*, 2015, p. 16). Os movimentos expressos no judô integram a motricidade humana e passam por diversas transformações na prática das técnicas e da composição do repertório de movimentos. A diversidade de movimentos é fundamental para as crianças, e os professores podem estimulá-los por meio de diferentes temáticas, recursos e relações simbólicas.

A realização do judô na infância torna-se um momento comunicativo e criativo, não é somente “coisa/material”, mas é também expressão livre da consciência e integra sentimentos de paz que são favorecidos com posturas acolhedoras na intermediação dos adultos, nas relações que estabelecem. De acordo com Kunz (2004), a infância integra movimentos livres, e o movimento, nas atividades da criança, do brincar e do jogar infantil não deve ocorrer a serviço do sistema produtivo do esporte, visto que se concentra no desenvolvimento e na interpretação “[...] dos diferentes sentidos/significados deste movimento, do brinquedo e do jogo, como nas funções comunicativas, expressivas, exploratórias e criativas do movimento” (Kunz, 2004, p. 98).

O judô para as crianças pode contribuir com a organização do seu sentir-pensar-agir em movimento, para dialogar consigo e com o outro por meio de suas técnicas corporais expressivas. Machado (2013), com base em Merleau-Ponty, aborda sobre o desenvolvimento de um trabalho que permita a volta às coisas mesmas, quer dizer, ao que é essencial no processo de ensino-aprendizagem de uma criança. Para isso, a autora propõe possibilitar a “[...] criança [a] ser o que ela é: em um sentido generoso e existencial [...] buscar a compreensão da criança em seus modos de ser e estar, em seu aqui-agora, na sua presença possível [...]” (Machado, 2013, p. 251). Nas atividades espontâneas da criança, é fundamental que o acompanhamento do adulto ocorra com liberdade expressiva e de maneira cuidadosa para o reconhecimento de seu espaço-tempo, das suas possibilidades e de seus limites. O diálogo constante com comunicação direta e relacional anuncia-se “[...] no gesto e palavra de co-pertença” (Machado, 2013, p. 251).

Ações positivas que envolvem as crianças no judô podem favorecer o emprego de suas capacidades criativas, ao proporcionarem a busca pela ampliação do seu entendimento e da sua interligação com o mundo. Essa integração pode ser estimulada por meio de diálogos que favoreçam as diversas linguagens, tanto verbais quanto não verbais. A criança, a partir dos 6 anos de idade, tem amplo potencial para expandir seu vocabulário oral e, conforme as suas características, necessita

de atividades que favoreçam a sua expressão e o seu entendimento. O judô tem ampla linguagem não verbal e, por meio dos gestos, o judoca é capaz de expressar seus saberes e obtém respostas de seu oponente. As expressões técnicas também precisam ser adequadas às condições de entendimento das crianças nessa idade.

Desse modo, as instituições educativas necessitam se configurar como um espaço apropriado para a formação humana da criança, incluindo todas as suas dimensões. Como orienta Coelho (2009, p. 16):

O que justifica, dá vida e sentido à escola, à relação pedagógica, ao trabalho de docentes e discentes, é o processo de formação humana que aí se realiza e a relação de professores e estudantes com a cultura, com o pensamento, com o saber vivo, instigante e que a cada momento se produz, se interroga e se recria.

As propostas e os planejamentos das atividades são fundamentais, pois definem o modo de agir para que os objetivos educacionais sejam atingidos. De acordo com Mello (2005), em cada idade, há uma relação do ser humano com o mundo, e, por meio dela, o sujeito aprende conforme as suas condições. Sarmiento (2011) fala sobre a criança contemporânea e afirma que ela age sob formas e em condições distintas do passado, visto que a criança brinca atrelada à sua cultura e é esta que interfere na sua formação social. No brincar, ocorre a reconfiguração de seus valores, seus ideais e sua experiência

vivida, o que promove sentido para o seu viver. A infância é um viver social que passa por renovação contínua durante seu desenvolvimento e mediante as aprendizagens da criança, dado que o brincar e seus objetos promovem impactos sobre o fazer, o ser e o conviver. Na progressão da vida e da sociedade, é fundamental a educação e a visão de mundo que as crianças constituem, pois elas impactam a sociedade do futuro.

O judô é um esporte educativo para as crianças, pois seus princípios e seus valores têm por objetivo desenvolver habilidades pessoais que auxiliem na formação geral do indivíduo, por meio de constantes relações sociais. Esses valores educacionais estão inseridos na origem da modalidade; assim, o judô não é apenas um esporte olímpico, mas uma manifestação cultural com propósitos educacionais. Dessa forma, essa luta tem por finalidade propiciar habilidades que integrem o modo de vida dos praticantes (IJF, 2019).

Nas proposições da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) para os anos iniciais do Ensino Fundamental, aponta-se a necessidade da continuidade das experiências no brincar já desenvolvidas na Educação Infantil. Assim, as crianças podem dominar conhecimentos que precisam ser reconhecidos e problematizados nas propostas educativas, uma vez que proporcionam a compreensão de/do mundo nas várias esferas da vida humana.

Perante essa visão, as brincadeiras têm um grande valor devido às oportunidades proporcionadas para as crianças conviverem, ao criarem maneiras de sentir e de interpretar suas percepções. O judô torna-se um aliado na missão de preservar e favorecer o brincar das crianças e suas aprendizagens gerais, as quais estão relacionadas à cultura de paz e possibilitam o avançar das percepções do mundo pré-objetivo da criança para a compreensão de si, do outro e do ambiente.

Para Merleau-Ponty (2006, p. 238), é possível estabelecer uma relação humana entre adultos e criança, pois esta não está enclausurada em seu mundo simbólico e pode ser compreendida pelo adulto “[...] pelas ‘ultracoisas’ que estão no horizonte de sua experiência, o que é a experiência pré-objetiva da criança, encontrando em si mesmo o equivalente da situação da criança”. Nesse contexto, o autor expressa que é fundamental reconhecer o perigo do racionalismo dogmático que enrijece, mediante conceitos e “representações de mundo”, parte da experiência infantil e adulta, opondo-as em mentalidades impermeáveis entre si, o que dificulta a sua comunicação.

A fim de possibilitar a comunicação entre adultos e crianças, com interação subjetiva e intersubjetiva, com equilíbrio entre a mentalidade/experiência pré-objetiva e objetiva, elaboramos práticas que estimulassem o campo perceptivo da criança. Isso porque as práticas pedagógicas para o judô associam estratégias para ações integradoras.

A educação vem ao encontro da necessidade de a criança compreender o mundo como um espaço do qual ela faz parte e sobre o qual ela pode exercer influência. Nesse sentido, Morin (2005) afirma a necessidade da educação para uma nova civilização com mais consciência cívica terrena e espiritual. Desse modo, é fundamental o estímulo a uma vida espiritual e em comunidade, aspectos algo muito ausentes na cultura ocidental.

O judô é uma arte marcial pensada para uma filosofia de vida dentro e fora do tatame, visto que um de seus principais norteadores para a vida cotidiana é o *Seiryoku Zenyo*. Kano (2008, p. 68) afirma que, “[...] se você realmente compreender *Seiryoku Zenyo* e o colocar em prática, estará no mesmo lugar daqueles que passaram anos a fio estudando as doutrinas zen para chegar à iluminação”. Kano (2008, p. 66) ressalta ainda que “[...] o significado básico do judô é diferente; universal e profundo”. Ao longo de sua vida, enfatizou múltiplas vezes que é preciso empregar as energias para o bem e entender o significado correto do judô e colocá-lo em prática:

[...] eu tenho, com frequência, oportunidade de travar debates com autoridades do budismo, do confucionismo e do cristianismo. As pessoas que fazem esse tipo de estudo profundo e que cultivam a mente dizem a mesma coisa que eu: o caminho pode ser diferente, mas no final, as metas da religião e do aprendizado são as mesmas e eu considero essas autoridades meus colegas. (Kano, 2008, p. 70).

O bem-estar da coletividade dentro da cultura japonesa é algo muito presente, assim como no judô, pois ambos pretendem proporcionar relações dentro e fora dos tatames: o *Jita Kyozei*. Nas atividades educativas para a aprendizagem do judô, buscamos interações e interconexões humanas para o bem-estar dos envolvidos, com conhecimentos integradores para refletirem sobre o sentido do viver e do aprender.

O judô colabora para a educação e a formação do indivíduo, haja vista que um dos principais objetivos do esporte é promover uma filosofia de vida voltada para a paz e a evolução do ser humano espiritualmente, para uma vivência equilibrada e gratificante. O judoca é forjado dentro da filosofia do judô kodokan mediante muitas formas de aprimoramento pessoal, a fim de aplicá-lo para o bem-estar coletivo, com paz e equilíbrio. Assim, a proposta das práticas pedagógicas busca despertar o indivíduo para a cultura de paz, promovendo sua prática com coerência educativa e social para a formação humana, em especial das crianças.

O ser criança é inspirado na perspectiva fenomenológica, principalmente em Merleau-Ponty (1999, 2006), em sua dinâmica existencial e relacional. Essa é uma concepção que vê e reconhece a criança como ser humano, sem os modelos padronizados que o âmbito desenvolvimentista e biologicista promoveu na educação tradicional. Para Merleau-Ponty (2006), a proposta desenvolvimentista define a criança de modo

fragmentado e mecanicista, suas capacidades são identificadas em etapas estanques, baseadas em fatores condicionantes externos de estímulo-resposta, portanto não são consideradas as condições próprias do ser humano em suas diversas dimensões e em suas percepções pessoais.

A visão de criança que consideramos é multidimensional, de um ser humano em aprendizagem e em desenvolvimento durante sua formação social, cultural e biopsicoespiritual. Segundo Meller e Dittrich (2022), a criança, em sua multidimensionalidade, ao movimentar-se brincando/jogando, desperta sensações, intuições e intencionalidades que estimulam seu imaginário e seus registros perceptivos sobre o mundo vivido, nas relações com os seres e objetos com que interage. Nesse sentido, a criança é um ser humano de dignidade criativa.

A atenção desejada para a infância e para a criança considera os fenômenos em constante aparição, os quais precisam ser vistos e compreendidos como se mostram, como algo da criança, que é imprevisível e se torna visível. A criança está em constante transformação e não se encaixa em etapas fechadas e desconectadas do todo. Por isso, é necessário considerarmos a sua corporeidade, quer dizer, o seu corpo relacional e consciente de suas interações. Não há uma única representação de infância e de ser criança. De acordo com Merleau-Ponty (2006), a criança não é somente um futuro adulto

que conduzimos, mas é necessário a vermos a partir do seu olhar próprio de ser criança e de infância, permeado pela cultura, pelas histórias de vida e dinâmicas corporais, não a partir do olhar restrito do adulto.

É necessário respeitarmos as dinâmicas criativas do ser criança que se apresentam com grande potencial para ela perceber e aprender o mundo. A criança fala de diversas maneiras, mediante diversas linguagens. Ela exerce uma “fala falante” teorizada por Merleau-Ponty (1999) como uma fala que é livre e convergente com a intencionalidade expressa, muito presente na criança por seu potencial de pensamento pré-objetivo.

Segundo Merleau-Ponty (2006), a criança, no seu processo de desenvolvimento expressivo do pensamento e da linguagem, nos primeiros anos de vida, imita o adulto conforme sua capacidade perceptiva, e somente depois compreende e emprega sentido para seus comportamentos. Essa imitação não é mera representação de movimento, pois “[...] a criança imita primeiro o resultado da ação com seus próprios meios e consegue assim produzir os mesmos movimentos do modelo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 25). Para o autor, na imitação, o outro estabelece os mesmos meios que nós para atingir o mesmo objetivo, não é uma expressão mecanicista de somente fazer o que o outro faz, mas há intencionalidade no resultado, dado que “[...] a imitação é eminente, visa ao resultado global, e não ao

detalhe do gesto. Essa imitação dos gestos surge aos poucos dessa conduta orientada para as coisas” (Merleau-Ponty, 2006, p. 25).

A linguagem perpassa o contexto das lutas e, com isso, torna-se importante considerarmos as relações intencionais e perceptivas da criança. As propostas do judô como expressão do movimento são consideradas interligadas à cultura de movimento, com liberdade expressiva das crianças e de suas relações no mundo; nesse processo, a linguagem é a principal aquisição das crianças. Atrelada à comunicação, a linguagem exerce atitudes que indicam posturas expressivas criativas e não somente processos de assimilação, como propõem as teorias positivistas.

A linguagem é o prolongamento indissolúvel de toda a atividade física e ao mesmo tempo é nova em relação a esta: a fala emerge da “linguagem total”, constituída por gestos, mímicas etc. Mas transforma. Passa a empregar os órgãos da fonação para um uso que lhes é natural: com efeito, a linguagem não tem órgão, todos os órgãos que pra ela contribuem têm já outra função (Sapir). A linguagem se introduz como uma superestrutura: fenômeno que já testemunho de outra ordem (Merleau-Ponty, 2006, p. 7).

A linguagem é uma ação global do corpo que se expressa de diferentes formas, que traduz o que se vê e se percebe em linguagem motora e realiza uma transferência para a dinâmica da prática, do movimento. A imitação, para a criança, é sua

maneira de aprender e, no judô, envolve uma força corporal ampla, do ato motor, psicológico e social. Logo, é fundamental observarmos as crianças para entendermos como percebem e interpretam o mundo da experiência e suas aprendizagens.

Merleau-Ponty (1999), com base em Husserl, apresenta a perspectiva do percurso fenomenológico, que organiza a construção do conhecimento e a linguagem a partir da intencionalidade humana, a qual se direciona ao objeto a ser percebido. Para Dittrich e Leopardi (2015, p. 110), na intencionalidade, a “[...] consciência é presença de si, que se abre para fora de si apreendendo o fenômeno e voltando para si como o momento processual de registros que referendam algo ocorrido”. Essa é uma habilidade que requer do ser humano a abertura do seu olhar e da sua consciência.

A partir dos fenômenos que se apresentam no campo perceptivo, conforme Merleau-Ponty (1999), ocorre a sua compreensão em um processo descritivo, no qual só existe objeto a ser visto e pensado se tiver um sujeito da percepção e vice-versa. Desse modo, não realizamos nossas visões perceptivas separadamente, pois “[...] elas escorregam umas nas outras e são recolhidas na coisa. Da mesma maneira, precisamos aprender a reconhecer a comunicação das consciências em um mesmo mundo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 473).

A compreensão fenomenológica da percepção foi também integrada nas bases dialógicas da psicologia Gestalt³:

A proposta trazida pelos gestaltistas, no entanto, apresenta maior proximidade com a lógica de Merleau-Ponty (2001/2006), em que a criança se apropria de estruturas gerais na linguagem – as *Gestalten*. Nesse sentido, não há uma imitação pura imediata, e nem um esforço intelectual para apreensão da linguagem, o que contraria tanto a lógica empirista, quanto intelectualista de compreensão deste fenômeno. A percepção de uma criança refere-se a uma configuração da sua experiência. Ela se relaciona com o outro e o imita do modo como lhe é possível compreender e imitar. A criança, então, exerce sua liberdade na imitação, expressando-se e engajando-se em determinada situação (Telles, 2014, p. 8).

A infância integra um tempo dinâmico de mudanças pessoais significativas das diversas dimensões humanas, das aprendizagens e dos desenvolvimentos que são fundantes da formação do ser. A criança está em pleno crescimento e as atividades que realiza impactam a sua constituição e convivência, o que repercute na sua vida. As relações que

³ “Ao considerar a *Gestalt* como tema de sua reflexão, o psicólogo rompe com o psicologismo, já que o sentido, a conexão, a ‘verdade’ do percebido não resultam mais do encontro fortuito entre nossas sensações, tais como nossa natureza psicofisiológica as oferece a nós, mas determinam seus valores espaciais e qualitativos e são sua configuração irreduzível” (Merleau-Ponty, 1999, p. 93). Além disso, a “[...] Gestalt não sendo um acontecimento psíquico do tipo da impressão, mas um conjunto que envolve uma lei de constituição interna [...]” (Merleau-Ponty, 1999, p. 620).

estabelece com o outro, criança/adulto/professor, também interferem nas suas aprendizagens. O corpo é a composição humana em sua totalidade e integralidade que permite ser no mundo. De acordo com Merleau-Ponty (1999), é o “corpo próprio” que apresenta o corpo não como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, visto que o mundo não é a soma de objetos determinados, mas o horizonte latente de nossa experiência de modo permanente.

No corpo próprio, o ser humano habita o mundo na vivência integrada de sujeito-objeto e o corpo é considerado a partir do mundo vivido do ser, do saber e do fazer que se transforma no decorrer da vida. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 237), no pensamento humano, há uma interligação e comunicação que ocorre entre a experiência infantil e adulta que estão ligadas às ultracoisas. Merleau-Ponty (2006, p. 237) adota esse conceito com base em Henri Wallon, a partir do qual expressa que são “[...] seres que não estão ao alcance da criança, que ela não pode delimitar com o olhar e cujos aspectos ela não pode fazer variar à vontade, por meio de deslocamentos dirigidos do corpo, seres que ela não pode, enfim, observar”. Entre os exemplos, o autor expressa que o céu e a terra são ultracoisas para as crianças.

São possibilidades de aberturas para o conhecimento, para avançar no âmbito perceptivo e na compreensão das coisas, do saber pré-objetivo ao objetivo, que necessitam ser

consideradas no processo educativo. Conforme Merleau-Ponty (2006, p. 237), “[...] a presença dessas ‘ultracoisas’ na experiência infantil provoca ou supõe na criança a presença de um tempo e de um espaço pré-objetivos, que não são ainda denominados e mensurados por seu pensamento [...]”. O conhecimento objetivo é aquilo que a criança domina em seu campo perceptivo-compreensivo e no seu pensar-agir; e as ultracoisas são o campo do conhecimento pré-objetivo, aquele que está no horizonte, como possibilidade de apreensão. Nesse âmbito, o autor destaca que a mentalidade infantil envolve a temporalidade e a espacialidade como aspectos da subjetividade: “[...] existe um grande número de ‘ultracoisas’ que não estão ainda inseridas numa rede de objetos determinados” (Merleau-Ponty, 2006, p. 238).

No desenvolvimento das diferentes práticas corporais, entre elas o judô, considera-se o tempo-espaço da consciência da criança a fim de respeitar suas aprendizagens e suas potencialidades de aprendizagem e ação. O brincar é fundamental e possibilita a vivência ampliada do imaginário e dos processos interpretativos que integram o mundo pré-objetivo. Nesse contexto, Veríssimo (2013, p. 115), acerca do conceito de “ultracoisas”, afirma que há “[...] uma cisão entre as experiências sensório-motoras da criança e a constituição de uma função simbólica”. Portanto, são saberes incompletos na

determinação das crianças. Com base em Merleau-Ponty, Veríssimo (2011, p. 467) expressa:

No que concerne ao comportamento intelectual, o psicólogo faz referência ao contraste que existe entre, de um lado, a capacidade da criança de representar coerentemente a estrutura e o mecanismo das coisas e fenômenos que se encontram diretamente relacionadas à sua esfera de atividade, e de outro, a dificuldade que ela enfrenta para emprestar a mesma coerência àqueles objetos e acontecimentos que não se lhe constituem matéria de experiência direta. Se há para a criança objetos e fenômenos que existem imediata e totalmente, há, por outro lado, aqueles que ultrapassam as coisas sensíveis, as ultra coisas.

A ampliação da consciência infantil está atrelada à sua mentalidade pré-lógica, rica simbolicamente em um mundo percebido que comporta grande número de ultra coisas, diferentemente do adulto, que é lógico e comporta poucas (Merleau-Ponty, 2006). Dessa maneira, ao reconhecermos as capacidades perceptivas das crianças, respeitamos e ativamos seu potencial imaginário, de desenvolvimento e de aprendizagens, que será ampliado com estímulos de fatores internos (endógenos) e de fatores externos (exógenos).

A consciência perceptiva se auto-organiza à medida que a criança vivencia novas experiências e reconhece as suas transformações, visto que “[...] o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito

é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta” (Merleau-Ponty, 1999, p. 576). Essa retroalimentação é a integração presente do sujeito-objeto do conhecimento no mundo. Nesse contexto, destacamos “[...] que nossa condição corporal sempre implicará uma pré-comunicação com nós mesmos, com os outros e com o mundo” (Veríssimo, 2011, p. 460).

As interações da criança no mundo são mediadas pelo movimento corporal, o que faz ser possível o contato com o real e o simbólico, que favorece as capacidades perceptivas e as diversas linguagens expressivas. Para Merleau-Ponty (1999, p. 537), “[...] a linguagem adquire sentido para a criança quando constitui situação para ela”. Todavia, isso somente é possível se ela tiver condições de entender o que for dito. Nesse caso, é fundamental valorizarmos e adequarmos as diversas linguagens no diálogo com as crianças, pois a aprendizagem ocorre quando mobilizamos a sua expressão e as suas percepções e possibilitamos a sua compreensão do conhecimento, em seus diversos significados.

De acordo com Kunz (2004), a linguagem verbal é uma das maneiras de comunicação, dado que as crianças se comunicam muito no “se-movimentar” pela linguagem não verbal, pelo movimento expressivo. Logo, a competência comunicativa é importante porque saber comunicar e entender a comunicação dos outros é um processo reflexivo que desencadeia o pensamento crítico. Na infância, a comunicação

é um jogo efetivado e compreendido nas dinâmicas das atividades lúdicas, e as linguagens expressivas são fundamentais para comunicar e compreender os outros. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 537):

Quando uma criança não sabe falar ou quando ainda não sabe falar a linguagem do adulto, a cerimônia linguística que se desenrola ao seu redor não tem poder sobre ela, ela está perto de nós como um espectador mal situado no teatro, ela vê muito bem que nós rimos, que gesticulamos, ela ouve a melodia fanhosa, mas não há nada ao final desses gestos, atrás dessas palavras, para ela nada acontece. A linguagem adquire sentido para a criança quando constitui situação para ela.

Conforme Morin (2000), é fundamental conhecermos a condição humana, ao nos situarmos no universo e reconhecermos quem somos, como somos inseparáveis de onde estamos, de onde viemos, para onde vamos. Nesta dissertação, entendemos que, para as crianças, essas são questões essenciais, pois estão relacionadas à sua identidade e a seus fazeres. Na prática do judô, o reconhecimento de si, do outro e do meio é a maneira de interagir de modo integrado.

A visão de ser humano que consideramos a partir de Morin (2000) define que ele é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico, e que essas dimensões e esses saberes necessitam ser integrados a fim de possibilitar a aprendizagem do que significa “ser humano” e sua condição de

vida. Entendemos que as capacidades humanas em suas diversas dimensões podem ser integradas ao judô, dado que há uma ampla mobilização do ser humano como um todo, porém isso precisa ser valorizado e considerado no âmbito das práticas desse esporte.

Valorizamos a criança em movimento no judô, pois, a partir dele, é possível estimularmos as relações e as interpretações do mundo vivido por ela. Desse modo, cada atividade precisa integrar a criança em seu mundo a partir de suas condições perceptivas e de suas aprendizagens. O corpo em movimento é uma linguagem transformadora de criação e expressividade de si mesmo.

As relações de troca por meio do movimento integram as intersubjetividades das experiências das crianças, ou melhor, das articulações dos processos internos e externos da consciência humana que estimulam suas percepções, interpretações e compreensões. O “eu” passa a compreender o mundo porque existe o próximo e o distante, os primeiros planos e os horizontes, nos quais o mundo vai se expondo. Assim, o “eu” adquire um sentido por estar situado no mundo. Se o sujeito está em situação vivida “[...] é porque ele só realiza sua ipseidade sendo efetivamente corpo e entrando, por meio desse corpo, no mundo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 547).

Dessa maneira, é fundamental considerarmos as individualidades do sentir-pensar-agir da criança em seu campo

perceptivo, o qual está vinculado ao seu mundo vivido e às suas experiências. Nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 6):

A percepção [...] é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.

A percepção é uma dinâmica da consciência humana que ocorre no corpo sensorial-expressivo, em outras palavras, é no seu movimento que ocorre a ampliação da capacidade perceptiva das crianças. De acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 186), com base na concepção gestaltista, a percepção da criança tem uma certa estrutura desde o início, pois “[...] existem conjuntos que merecem o nome de coisas e constituem um mundo”. Todavia, essa percepção não é a mesma dos adultos: “[...] trata-se de uma estrutura sumária com lacunas, regiões indeterminadas, e não da estruturação precisa que tem a do adulto. À medida que a criança se desenvolve ocorrem transformações, reorganizações” (Merleau-Ponty, 2006, p. 186).

As estruturas perceptivas compõem uma organização do conhecimento, que é dinâmica e mutável, portanto, ao trabalhar com o judô, entendemos que é possível promovermos estímulos perceptivos e fenômenos que podem ser compreendidos e ressignificados: “[...] não cabe atribuir à criança a concepção de uma coisa *absolutamente* permanente [...]: cabe apenas

reconhecer nela uma organização perceptiva preliminar às operações lógicas, contudo capaz de funcionar segundo sua lógica própria” (Merleau-Ponty, 2006, p. 187).

A percepção está relacionada à atitude corpórea da intencionalidade, para ver o fenômeno que se apresenta. “Na concepção fenomenológica, a percepção ou a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora a partir dos diferentes olhares sobre o mundo” (Nóbrega, 2008, p. 142).

A percepção diz respeito a “[...] entrar em contato com os fatos, de compreendê-los em si mesmos, de ler e decifrar de uma maneira que lhes dê sentido” (Merleau-Ponty, 2006, p. 5). É por meio da percepção que ocorre a mobilização da consciência para se compreender os fenômenos que se apresentam, como fatos em si mesmos. Nesse viés, “[...] o que servirá de prova será a fidelidade aos fenômenos, o domínio estrito que obteremos sobre os materiais empregados e, de algum modo, a ‘proximidade’ da descrição” (Merleau-Ponty, 2006, p. 5).

Para a criança, é importante ampliarmos seu sentir-pensar e os dados da consciência, a fim de favorecermos a sua visão e o seu entendimento dos fenômenos.

Uma nova maneira de compreender a percepção é oferecida pela Gestalt. Segundo essa teoria, a percepção é compreendida através da noção de campo, não existindo sensações elementares, nem objetos

isolados. Dessa forma, a percepção não é o conhecimento exaustivo e total do objeto, mas uma interpretação sempre provisória e incompleta (Nóbrega, 2008, p. 141).

O desenvolvimento da criança, na fenomenologia e na perspectiva de Merleau-Ponty (2006), é proposto sob um prisma existencial. A criança é mundo-centrada e não egocentrada. Adultos e crianças habitam o mesmo mundo, porém diferem no modo de apreendê-lo e de viver nele. O adulto sai de ator “protagonista” para “coadjuvante” na relação de desenvolvimento dos pequenos, uma vez que é o intermediário entre o mundo e a criança. A ideia da fenomenologia na infância é deixar a criança ser o que ela é, sem deixá-la à deriva, ao seu próprio tempo. Na corporeidade ocorre a interação eu/corpo que se relaciona com o outro, porém não perde sua individualidade e subjetividade.

Com base em Merleau-Ponty, Nóbrega (2008) expressa que o movimento (ação do corpo) e o sentir são elementos-chave da percepção, dessa forma, há uma cooperação entre órgãos sensoriais e os músculos. Ao considerar o corpo em movimento, acredita-se que o ser humano não é um ser definido, mas que está em constante criação. Esse contexto expressa a importância da integração do corpo na dinâmica do movimento vivido.

O movimento não pode ser compreendido apenas de modo causal, modificando a sensação. O movimento do organismo é a

expressão da reorganização do sistema como um todo. É preciso considerar a unidade entre o sensório e o motor na teoria da percepção. Desse modo, a percepção seria a cooperação entre os órgãos sensoriais e os músculos, havendo uma sinergia (Nóbrega, 2008, p. 144).

Na dinâmica do movimento expressivo, a criança não é mera reprodutora do comando dos adultos, pois tem autoria e ampla capacidade de criação por meio das experiências que estabelece com seu corpo e seus sentidos, o outro e o meio. Nesse viés, brincar de judô é uma possibilidade de projeção de uma intencionalidade criativa e constitutiva do sujeito integrada à cultura de movimento.

Perceber, na perspectiva de Merleau-Ponty (2006, p. 246), é “[...] captar a soma de experiências sensíveis que posso ter desta ou daquela coisa, sendo tais experiências sensíveis possíveis ou atuais”. O percebido é o fenômeno que se apresenta ao sujeito da percepção mediante o contato com os objetos. Também está ligado à imaginação, pois, “[...] quando imagino, suprimo a distância que separa os objetos percebidos” (Merleau-Ponty, 2006, p. 224).

No processo perceptivo, o corpo sensível-racional é onde tudo acontece, em suas diversas dimensões, e os gestos são expressões do sentir-pensar-agir que possibilitam o sujeito a se colocar no espaço-tempo de movimento. Quando se realiza a prática do judô, estabelece-se uma intencionalidade para o

movimento corporal específico da luta e que se liga ao que se deseja expressar. Segundo Telles (2022, p. 4), na interação do “corpo a corpo”, na ação de lutar, “[...] vejo o corpo do outro (como corpo físico, objeto), mas o vejo através do meu próprio corpo (como corpo subjetivo, de alguém que pensa e age). Simultaneamente, o outro vê o meu corpo (objeto) através de seu corpo (sujeito)”. Assim, ocorre uma interação intersubjetiva promovida por meio do diálogo da luta, que apresenta o ser humano interligado no mundo.

Para expandirmos as ações e reflexões a respeito das relações práticas do judô e a cultura de paz, a seguir, apresentamos a organização metodológica da abordagem educativa que engloba tais temáticas.

CAPÍTULO 04

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ABORDAGEM EDUCATIVA DO JUDÔ NA PERSPECTIVA DA CULTURA DE PAZ

A abordagem educativa do judô apresenta uma organização metodológica para promover a prática das crianças, as quais foram articuladas aos princípios da cultura de paz (Weil, 2007); do Manifesto de Paz (Unesco, 2000); dos princípios da arte marcial do judô (Kano, 2008); dos elementos que compõem a compreensão humana (Morin, 2000); das perspectivas de infância/criança e das concepções fenomenológicas (Merleau-Ponty, 1999, 2006).

Abordarmos a prática educativa do judô envolveu a proposição de um caminho metodológico, com temáticas e objetivos centrados no processo de vivências sociais, nas condições afetivas e técnico-conceituais do esporte para a promoção da cultura de paz. Para tanto, empregamos diferentes estratégias para a prática do judô, como registros textuais, ilustrações, imagens, músicas, jogos e exercícios corporais, com a construção e a exploração de recursos didáticos, de atividades de conexão com o meio ambiente e a natureza. Na efetivação prática, estiveram presentes exercícios para o judô e seus princípios experienciados com diferentes recursos didáticos, apropriados às habilidades e às aprendizagens dos indivíduos.

Entre as estratégias para o desenvolvimento dessas práticas, destacamos as interlocuções dos saberes para a compreensão humana, proposto por Morin (2000, p. 16): “A compreensão é, a um só tempo, meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente do ensino. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua”.

Nos princípios da cultura de paz, estabelecemos bases conceituais e ações articuladas com os princípios do judô, na busca de uma abordagem coerente com o processo de ensino-aprendizagem.

4.1 Estratégias educativas do judô para a cultura de paz

As estratégias compõem a organização do processo educativo e se relacionam com os percursos que efetivam as práticas pedagógicas. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, o tema e as ações presentes nas estratégias educativas que fizeram parte do percurso do “caminho da paz”:

a) Temática: “Caminho suave”: rotas para a cultura de paz no judô.

b) Interações: Para a organização dos procedimentos metodológicos na abordagem educativa do judô, apresentamos as rotas que foram percorridas. Propomos, inicialmente, o

diálogo entre familiares e crianças para o planejamento dos percursos para efetivar as práticas pedagógicas.

Interação com a família: manutenção do diálogo dos profissionais de judô com os familiares das crianças, de modo constante, para articulação dos objetivos das atividades desenvolvidas. Coletivamente, realizamos a definição dos conhecimentos e das práticas do judô que são fundamentais para as crianças na perspectiva da cultura de paz. Cada familiar teve a oportunidade de apresentar o estilo de vida da criança, os seus comportamentos cotidianos familiares, as suas características emocionais, as suas habilidades e as suas necessidades pessoais e sociais. As atividades em que os familiares poderiam participar foram incluídas nos encontros, também para realização extraclasse.

De acordo com Weil (2007, p. 46), “[...] viver em paz com os outros envolve a socialização”. Nesse sentido, as relações diádicas com família, amigos, colegas são importantes, pois “[...] aprende-se que a paz e a harmonia a dois dependem, antes de tudo, da nossa capacidade de compreender o outro [...], seus sentimentos e a maneira de perceber a vida” (Weil, 2007, p. 44). É importante considerarmos que as relações que a criança estabelece em casa influenciam a sua maneira de perceber o mundo e seus comportamentos, conforme suas histórias de vida e seus processos culturais. Como vivemos? Que relações estabelecemos? O que valorizamos? São questões importantes

para pensarmos nas interações cotidianas. Morin (2000) destaca a aprendizagem da compreensão humana, visto que a incompreensão de si gera a incompreensão do outro e deteriora as relações entre pais e filhos, maridos e esposas, amigos, o que pode gerar calúnias, agressões e homicídios psíquicos (desejos de morte).

Interação com/das crianças: essa é uma ação diária para as instituições que ensinam o Judô e os profissionais do judô assumem uma grande responsabilidade, pois adotam um papel interativo e provocador para que as crianças realizem o exercício pessoal de bem-estar e de harmonia. Ao receber as crianças na instituição, acolhemos suas diferenças, seus sentimentos, suas realidades e seus desejos para que se sintam incluídas e respeitadas. As ações interferem nos sentimentos e nas percepções pessoais, portanto, o ser individual deve estar presente no olhar do outro a fim de possibilitar a compreensão das responsabilidades pessoais na conquista de paz coletiva.

Segundo Weil (2007), viver em paz consigo mesmo significa reconhecer sentimentos e atitudes que possibilitam tomar conhecimento da existência de quatro estados de consciência: vigília, sonho, sono e super consciência, os quais estabelecem relação direta com quatro níveis de realidade: material, psíquico, luminoso e transpessoal. A consciência humana rege as relações entre corpo, emoções e mente. O estado de vigília é adormecer, porém é necessário despertar o

“eu” que tem sentimentos e pensamentos que favorecem a vida e os valores humanitários. As experiências sublimes são as que provocam uma compreensão das ligações de paz interior com a transformação das maneiras de viver, dos estilos de vida.

As atividades do judô podem colaborar com esses propósitos, principalmente para o despertar da consciência e o alcance do cultivo da presença humana. Esse é um exercício pessoal, conforme proposto por Weil (2007), que reverbera no outro. As relações estabelecidas consigo e integradas com o outro são fundamentais no encontro da paz interior.

Interação com meio ambiente: a meta é gerar ambientes e recursos que se integrem o humano em relações de respeito e provocações sensíveis e perceptivas, envolvendo um fazer pedagógico para o ensino-aprendizagem do judô. A visão de cuidado é fundamental, pois as relações de troca impactam o meio em que vivemos.

Nessa perspectiva, viver em paz com a natureza é, para Weil (2007), um fator que envolve o ser humano em suas ocupações, uma vez que ocupar determinados lugares impacta a sua constituição. A destruição da natureza que o humano integra e habita é muito evidente, bem como os recursos que escolhe e utiliza também causam destruição. As explorações que separam sujeito-objeto são responsáveis pela ausência de paz e pela promoção da violência, pois geram a desconexão do sujeito e de seu saber.

No judô, as atividades devem buscar uma aproximação de respeito com o meio e com a natureza, no esforço de promoverem valores de preservação e cuidado, de incluir objetos e atitudes sustentáveis e de preservação.

c) Princípios: entre as diversas interações que ocorrem no esporte, algumas práticas são necessárias para a conquista do ensino-aprendizagem do judô na perspectiva da cultura de paz. Para tanto, propomos uma rota de atividades que integrasse tanto os princípios da cultura de paz quanto do judô.

Dar sentido ao viver é um dos princípios dessas práticas, que integra relações do eu com o outro e com o meio, estabelecendo vínculos afetivos e simbólicos, relações de preservação da vida e de respeito mútuo. A convivência que foi estabelecida com o boneco Judoca, atividade que descrevemos posteriormente, implicou sentir-pensar-fazer-conviver, com pertencimento de ser humano que expande seu olhar e seus contatos, os quais atravessam o corpo e possibilitam o sentido de ser e de viver na dinâmica do judô para experiências que promovem descobertas da cultura de paz. São percepções e compreensões com sentido subjetivo e intersubjetivo da corporeidade, conforme aponta Merleau-Ponty (1999, p. 213):

Nossa meta constante é pôr em evidência a função primordial pela qual fazemos existir para nós, pela qual assumimos o espaço, o objeto ou o instrumento, e descrever o corpo enquanto o lugar dessa apropriação. Ora, enquanto nos dirigíamos ao espaço ou à coisa percebida, não era fácil redescobrir a

relação entre o sujeito encarnado e seu mundo, porque ela se transforma por si mesma no puro comércio entre o sujeito epistemológico e o objeto. Com efeito, o mundo natural se apresenta como existente em si para além de sua existência para mim, o ato de transcendência pelo qual o sujeito se abre a ele arrebatando-se a si mesmo e nós nos encontramos em presença de uma natureza que não precisa ser percebida para existir.

Para introduzir o tema do ensino do judô relacionado à cultura de paz, a proposta integrou a construção de um boneco de tecido, o qual simbolicamente representa um judoca. Com essa criação, a criança teve a oportunidade de promover percepções de si mesma e dos outros e empregar significações para a prática do judô, na dinâmica das relações para a cultura de paz. O corpo do boneco Judoca foi confeccionado pela criança com auxílio da família e dos professores do judô. A criança e seu mundo simbólico deram vida ao boneco. As relações de troca ocorreram na convivência e na realização das práticas do judô.

A criança criou o seu boneco Judoca e escolheu um nome para ele. Esse boneco ganhou movimento na interação com a criança, pois foi utilizado em diversas brincadeiras e práticas que promoveram trocas sociais e afetivas, as quais colaboraram com a cultura de paz. Muitas atividades foram adaptadas para oportunizarem interações entre a criança e o

boneco, o qual se tornou um parceiro de práticas do judô no cotidiano da criança.

A partir das relações estabelecidas, duas perguntas foram realizadas para a criança: O que o Judoca pensa sobre mim? O que eu penso sobre o Judoca? Essas questões provocaram a expressão do “eu” da criança que é capaz de se projetar no outro. O que se materializou no pensamento da criança foi transferido para o boneco, quer dizer, o que ela pensou e expressou sobre a imagem do boneco foi a percepção de si mesma.

A criação do boneco foi uma maneira de introduzirmos um brinquedo para a criança ativar seu mundo simbólico e pré-objetivo, o “ultramundo” (Merleau-Ponty, 1999). O boneco Judoca tornou-se um objeto mediador de habilidades e de sentimentos. Com ele, a criança simulou golpes, quedas, giros, entre outras habilidades, que criaram noções motoras e geraram vida ao boneco. As aprendizagens das técnicas e dos princípios do judô foram a base e o apoio para as ações com as demais crianças, com seus pares no desenvolvimento da luta. A criança, a princípio, não apresentou muita noção técnica de pegadas, golpes, força, direção, por isso o boneco Judoca foi um recurso de apoio e de estímulo do movimento, que possibilitou avanços nas aprendizagens técnicas e sociais.

De acordo com Kunz (2004), a criança, por meio do brinquedo e do jogo, tem o desejo de interagir com o mundo real,

com os objetos e com os outros. Desse modo, as brincadeiras tornam-se um meio de expressão, a criança constrói simbolicamente sua realidade e recria o que já existe. É um brincar criativo e imaginário para conhecer o mundo e apropriar-se dele.

Nesse viés, a construção do boneco e o brincar favoreceram as três relações de paz propostas por Weil (2007): com o outro, com o eu e com a natureza. Explorar no cotidiano essas relações e as aprendizagens desejadas foi um processo didático-pedagógico criativo do professor de judô na interação com a criança. Nesse processo, foram fundamentais as relações que primaram por valores humanos sociais e de cidadania.

Entre as diferentes brincadeiras e reflexões possíveis com o boneco Judoca, destacamos alguns princípios de paz que puderam ser integrados nas atividades práticas para a aprendizagem das diferentes técnicas do judô:

Rejeitar a violência: no judô, a violência não é uma característica socialmente permitida. Ocorrem golpes, mas com o emprego das técnicas de ataque e de defesa, de forma controlada, respeitosa, o que faz evitar dores e lesões. A proposta educativa deve criar comportamentos que ajudem os indivíduos a refletirem sobre os seus atos.

Ser generoso: interagir na luta do judô com colaboração mútua, doação e fraternidade entre todos.

Ouvir para compreender: é um exercício de atenção e de interação com o outro, na busca de perceber mais os fenômenos que se apresentam.

Preservar o planeta: o senso crítico em torno das nossas relações de troca com o meio ambiente e o incentivo a atos de preservação, como promover a reutilização de materiais e criar brinquedos.

Redescobrir a solidariedade: valorizar as relações de compartilhamento de saberes, sentimentos e objetos, a fim de respeitar e apoiar os colegas nas atitudes predispostas do jogo, interagindo na participação em grupo.

d) O processo de criação do boneco Judoca: objeto articulador das relações entre os sujeitos. O propósito foi dar um sentido para um viver na criação do boneco judoca e desenvolver habilidades humanas envolvidas na interação com ele, tanto no processo de construção quanto nas práticas educativas do judô.

A seleção dos materiais para a confecção do boneco Judoca levou em consideração a sustentabilidade. Desse modo, utilizamos materiais reutilizáveis e acessíveis para a criança e que fossem também familiares, por exemplo, que as roupas para vestir o boneco fossem do próprio judoca. Entendemos que a criança, ao criar o boneco, pôde efetivar a percepção de si mesma. O intuito foi possibilitarmos a expressão da criança mediante a confecção do boneco, educando dentro dos

princípios da sustentabilidade, que favorecem a ecoformação. Segundo Torre *et al.* (2008, p. 43), a ecoformação “[...] é uma maneira de busca do crescimento interior a partir da interação multissensorial com o meio humano e natural, de forma harmônica, integradora e axiológica”. As relações que o ser humano estabelece com o meio ambiente favorecem as interações e os processos afetivos do “eu” na relação com o meio.

A *ecoformação* aqui entendida como uma maneira sintética, integradora e sustentável de entender a ação formativa, sempre em relação ao sujeito, à sociedade e à natureza. O caráter de sustentabilidade somente é possível quando estabelecem relações entre todos os elementos humanos (Torre *et al.*, 2008, p. 21).

Na técnica educativa proposta, valorizamos os contextos humanos sociais, culturais e ambientais, os quais são indispensáveis para a mudança na forma de ver, compreender e agir de acordo com os princípios do judô na cultura de paz, com ações de formação na integralidade humana que possibilitam os propósitos inter e transdisciplinares. De acordo com Moraes (2007, p. 24), “[...] isto implica uma teoria tripolar de formação que inclui os três níveis de análises – autoformação, heteroformação e ecoformação –, e um triplo nível de consciência e de percepção da realidade”. A autoformação diz respeito ao sujeito e à sua capacidade de apropriação de sua própria formação; a heteroformação é o âmbito formativo social,

com a apropriação do conhecimento na interação com o outro; e a ecoformação é a formação na relação com o meio, com a natureza viva, reconhecendo-se como parte integrante dela.

O judô é uma luta que favorece relações ampliadas para a convivência e envolvem a interação com o outro judoca, por meio das técnicas e das interações que envolvem integração e respeito à diversidade. Nesse processo, propomos que as crianças estabelecessem relações criativas nas descobertas do corpo expressivo e lúdico. O brincar, algo inerente ao humano, deve estar presente nas práticas educativas culturais e esportivas.

Os ensinamentos milenares do judô são essenciais na relação espaço-tempo da subjetividade humana com base nos princípios da cultura de paz. A confecção do boneco Judoca foi uma maneira de favorecer a expressão da criança, seu imaginário e seu desejo de vida.

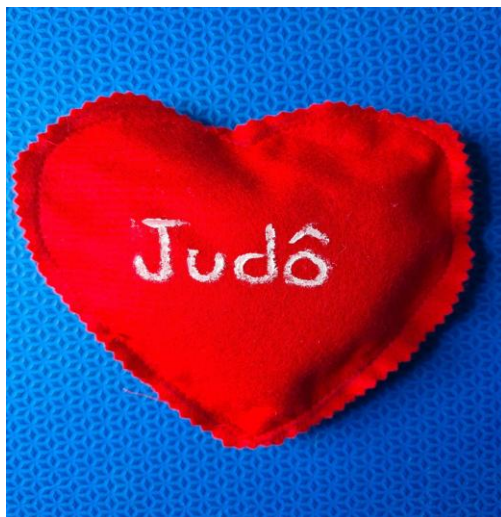
A seguir, apresentamos as etapas da confecção do boneco Judoca, os materiais que foram utilizados e as correlações que envolveram os princípios de paz, a criança em ação e os conhecimentos do judô. As práticas aqui apresentadas foram desenvolvidas pelas pesquisadoras/autoras na Escola de

Judô SKD⁴, da cidade de Itajaí/SC, a fim de demonstrar todo processo de organização pedagógica da abordagem educativa

4.2 Confeção do boneco Judoca

A confecção do boneco Judoca iniciou-se pelo seu coração. O tecido foi traçado e recortado no formato de coração (Figura 7). Posteriormente, foram feitas a sua costura e o seu enchimento com restos de tecidos e fibras⁵.

Figura 1 – Coração do boneco Judoca.



Fonte: Acervo da autora.

⁴ A pesquisadora e mestre Saskia Lingner Otavio é proprietária e diretora da Escola SKD Judô (Shan Kan dojô), contribuindo assim com o acesso e as propostas educativas.

⁵ As sobras de tecidos e fibras foram doadas pela empresa Lara Cortinas, de Itajaí/SC.

O coração representa um órgão vital, a pulsação da vida, a constituição do ser vivo e remete à parte do corpo que tem uma representação imaginária afetiva. Entre os princípios do judô, o conceito de “*Ju*” (para gentilmente vencer a brutalidade) começa na sensibilização sobre/do corpo, que parte de uma atenção interna, biológica e dinâmica sensorial do ser humano. “A sensorialidade é um investimento que configura a estesia, a capacidade fisiológica, simbólica, histórica, afetiva de impressão dos sentidos” (Nóbrega, 2008, p. 143).

O ser humano busca uma relação de harmonia com o corpo, instigando a paz em si mesmo. Segundo a proposta de Weil (2007, p. 44): “[...] a Paz começa em si mesmo, no corpo, nas emoções e no espírito. Primeiras práticas do despertar da Paz”. O autor destaca que esse processo pessoal é também transpessoal, com relação à consciência que rege as expressões corporais, das emoções e da mente. “A intensa vivência de experiências sublimes provoca uma compreensão profunda da ligação da paz interior com a transformação da forma de viver o cotidiano [...]” (Weil, 2007, p. 44). Nesse viés e a partir do próprio significado do judô, para Kano (2008), o caminho é o próprio conceito de vida.

Os princípios do judô se apresentam para o humano no olhar e na afetividade, que mobilizam o ser para si e para o outro. Nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 213),

[...] se queremos pôr em evidência a gênese do ser para nós, [...] é preciso considerar o

setor de nossa experiência que visivelmente só tem sentido e realidade para nós, quer dizer, nosso meio afetivo. Procuremos ver como um objeto ou um ser põe-se a existir para nós pelo desejo ou pelo amor, e através disso compreenderemos melhor como objetos e seres podem em geral existir.

A fim de ampliar as relações afetivas e a transferência de si no outro (o boneco), foram utilizadas as roupas da própria criança para vestir o boneco Judoca (Figura 8).

Figura 2 – Roupas usadas para vestir o boneco Judoca.



Fonte: Acervo das autoras.

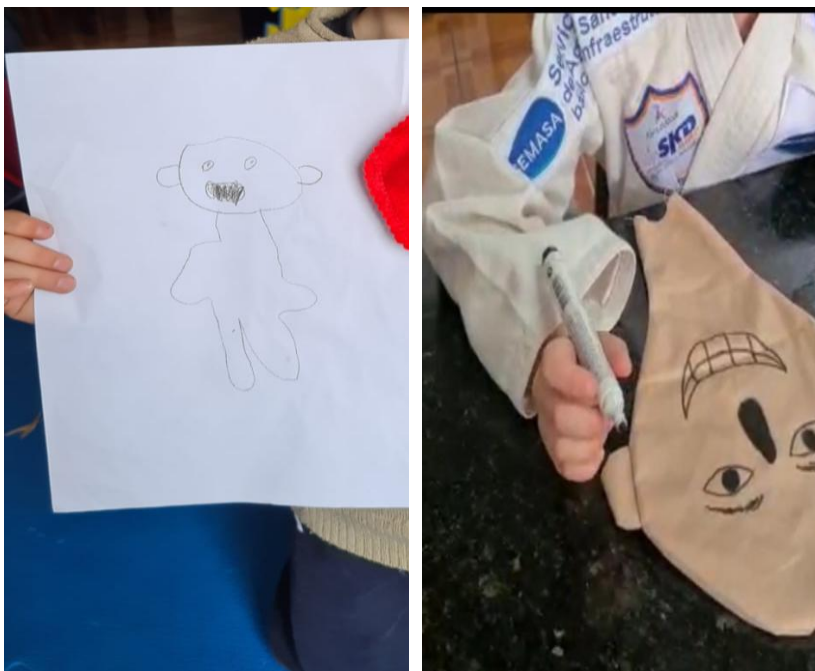
O ser solidário foi promovido no movimento de a criança doar suas roupas para vestir e aquecer o outro. Foram metáforas que integraram seu mundo simbólico e permitiram perceber o outro e a si mesma. Com base nos princípios da paz, favorecemos a *Jita Kyoei*: prosperidade e benefício mútuos (Kano, 2008).

A partir dessa organização inicial, fizemos o planejamento de como seria o boneco Judoca da criança bem como os registros do seu pensamento por meio do desenho (Figura 9). Essa é uma das estratégias que mobilizou a percepção criativa de si e do outro, buscando uma identidade pessoal. Por meio do desenho, ocorreu a linguagem expressiva do ser humano perceptivo.

Esse diálogo do sujeito com o objeto, essa retomada pelo sujeito do sentido esparso no objeto e pelo objeto das intenções do sujeito que é a percepção fisionômica dispõe em torno do sujeito um mundo que lhe fala de si mesmo e instala no mundo seus próprios pensamentos (Merleau-Ponty, 1999, p. 185).

O registro das percepções da criança foi importante para estimularmos o seu imaginário criativo e a expressão de suas habilidades estéticas, psicomotoras e afetivas.

Figura 3 – Desenho do boneco Judoca pela criança.



Fonte: Acervo das autoras.

Para a confecção do boneco Judoca, como modelo corporal, utilizamos a própria criança. Para isso, traçamos seu corpo, o que favoreceu a “ligação” entre o “eu” (criança) e o outro (boneco), como revelação de si, a partir do seu saber afetivo e das suas relações perceptivas (Figura 10 que segue). Esses foram saberes qualitativos intersubjetivos que descreveram o que foi observável à criança (Merleau-Ponty, 2006). Assim, nas etapas de produção do boneco Judoca, evidenciamos a

participação efetiva da criança, a qual se tornou coautora dos recursos didáticos.

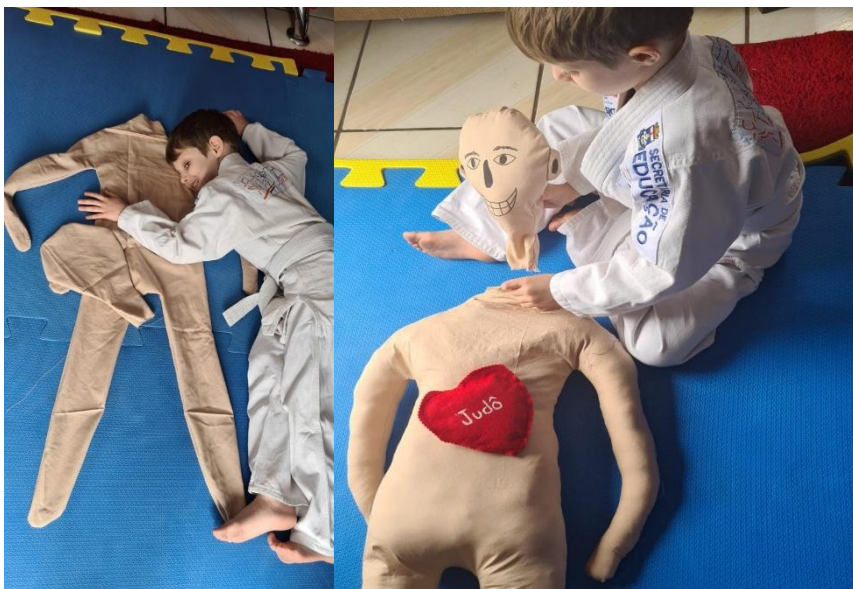
Figura 4 – Modelo corporal para confecção do boneco Judoca.



Fonte: Acervo das autoras.

Após os recortes e as costuras, o boneco Judoca foi preenchido com restos de fibras e tecidos para formar o seu corpo para possibilitar as práticas que envolvessem manobras técnicas e interações simbólicas. Valorizamos a interação constante da criança com o boneco para que fossem estabelecidas relações de pertencimento e de criatividade. O desenho do corpo e das características do boneco foi também realizado pela criança (Figura 11).

Figura 5 – Molde costurado, montagem e reconhecimento do boneco Judoca pela criança.



Fonte: Acervo das autoras.

Consideramos que é nessa interação que a criança reconhece a si mesma e se reconhece no outro, quer dizer, esse outro é como um espelho pessoal de si mesma. De acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 474):

[...] é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro, habita

doravante estes dois corpos ao mesmo tempo.

Essas são possibilidades de encontro da criança consigo mesma para estabelecer vivências coletivas e de sentir-se criadora e solidária. Desse modo, diversas manifestações do judoca puderam apresentar como é ser criança, as quais ocorreram quando demos a oportunidade de ele criar e se expressar.

O “sentipensar”, evidenciado por Moraes e Torre (2018), envolve a linguagem e as emoções de modo relacional, em um fluxo de energia fluida que promove a interação corporal da mente e da ação, visto que os meios influenciam a construção do conhecimento e o desenvolvimento pessoal.

Nesse contexto, por meio do boneco Judoca, foi possível criarmos relações de contato que puderam promover a liberdade expressiva, a empatia e os estímulos para a criança perceber os movimentos e as interações sociais, agindo com aplicação técnica e por meio de diálogos que expandiram o seu imaginário. Essas estratégias foram promovidas por meio da abordagem educativa que se remeteu à dinâmica da vida e da paz.

Segundo Merleau-Ponty (1999), a vida é uma dinâmica aberta e conecta o ser humano aos objetos no mundo vivido.

Ela [vida] não se esgota em um certo número de funções biológicas ou sensoriais. Ela anexa a si objetos naturais desviando-os de seu sentido imediato, ela constrói-se utensílios, instrumentos, ela se projeta no

ambiente em objetos culturais. Ao nascer, a criança os encontra em torno de si como aerólitos vindos de um outro planeta. Ela se apossa deles, aprende a servir-se deles como os outros se servem, porque o esquema corporal assegura a correspondência imediata entre aquilo que ela vê fazer e aquilo que ela faz, e porque através disso o utensílio se precisa como um *manipulandum* determinado, e outrem como um centro de ação humana. Em particular, existe um objeto cultural que vai desempenhar um papel essencial na percepção de outrem: é a linguagem. Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido [...] (Merleau-Ponty, 1999, p. 474).

A ligação do sujeito-objeto do conhecimento apresentou-se nas relações de contato. Acreditamos que a complexidade como fator constitutivo da realidade e da vida é, portanto, inerente à ação do sujeito, ao seu pensamento e ao objeto com que trabalha. Enfim, é inerente à dinâmica da vida. Por ser um fator constitutivo da vida, isso significa que a complexidade, como expressão de uma tessitura comum, possibilita a vida e favorece o desenvolvimento da inteligência, do pensamento, e a evolução dos sistemas vivos. Dessa maneira, a criança, ao interagir com o boneco Judoca, pôde potencializar a sua formação (Figura 12).

Figura 6 – Criança interagindo com o boneco Judoca.



Fonte: Acervo das autoras.

A constituição do corpo do boneco Judoca foi uma maneira de a criança estabelecer relações de esquema e de consciência corporal de forma global e multidimensional. A partir da construção do boneco, a criança passou a vivenciar movimentos que promoveram relações corporais motoras, afetivas e comunicativas, características do judô e da dinâmica da cultura de paz. Com o boneco, ela vivenciou relações de troca com as técnicas do judô, que promoveram suas habilidades e suas percepções (Figura 13 a seguir). Assim, foi possível integrarmos um dos princípios da paz “*Kansei*” (aperfeiçoamento próprio), que envolveu aprendizagens técnicas e atitudinais do esporte (Kano, 2008).

Figura 7 – Lutando com o boneco Judoca pela primeira vez.



Fonte: Acervo das autoras.

Nóbrega (2008, p. 141), com base na teoria de Gestalt, expressa uma concepção para a percepção, a qual é “[...] compreendida através da noção de campo, não existindo sensações elementares, nem objetos isolados. [...] não é o conhecimento exaustivo e total do objeto, mas uma interpretação sempre provisória e incompleta”. Essa ideia está relacionada ao processo de apreensão da consciência com intencionalidade/foco e está vinculada aos nossos sentidos, os quais estão em constante transformação.

Assim, consideramos que a vivência com o boneco foi uma maneira de integrarmos a criança aos seus propósitos e ao mundo do judô. Foram relações que possibilitaram processos

reflexivos sobre os ensinamentos do judô no tatame e que puderam ser transferidos para fora do tatame, na dinâmica da vida social, a qual está permeada pela e na cultura de paz pessoal, com o outro e com o meio ambiente.

Nessas vivências, foi possível identificarmos formas de violência no desenvolvimento do Judô, com maior agressividade nos golpes, e dialogarmos sobre as maneiras de tratar o outro, provocando o posicionamento crítico, a tolerância e a capacidade de diálogo perante as realidades sociais presentes. Entre os princípios do judô, destacamos o *Seiryoku Zenyo* (melhor uso da energia), que envolveu o foco do controle motor e perceptivo para adequação da energia necessária para o desenvolvimento das atividades esportivas (Kano, 2008).

As atitudes que desejamos que as crianças pratiquem necessitam de valores que sejam constitutivos do bem-estar e do respeito mútuo, porém precisam ser aprendidas nas relações sociais, considerando seu caráter cultural. Para Merleau-Ponty (1999), na criança e em muitos adultos, ocorrem domínios de “valores de situação” que ocultam os sentimentos reais. Dessa maneira, “[...] sentimos o próprio sentimento, mas de uma maneira inautêntica. [...]. Nossa atitude natural não é sentir nossos próprios sentimentos ou aderir a nossos próprios prazeres, mas viver segundo as categorias sentimentais do ambiente” (Merleau-Ponty, 1999, p. 507).

Buscamos, por meio do boneco Judoca, promover sentimentos e expressões mais autênticas para expor a criança a sentimentos-pensamentos efetivos. Nas relações do jogo simbólico, a criança vivencia acordos e conflitos, os quais “[...] podem ser uma grande oportunidade para [ela] crescer, aprender e se transformar” (Weil, 2007, p. 45).

Em um ambiente que colabora para a vivência e a apropriação dos conhecimentos, o aluno foi conduzido pela sensei por meio da proposta educativa elaborada para esta pesquisa (Figura 14).

Figura 8 – Boneco Judoca na SKD Judô pela primeira vez.



Fonte: Acervo das autoras.

A proposta é que a criança viva o “eu”, o “outro” e o “ambiente” por meio do boneco Judoca e que o seu imaginário, com a mediação do sensei, a conduza para o aprendizado do judô, por exemplo, da sua técnica, da sua filosofia e da cultura de paz. Nesse âmbito, destacamos os princípios do ODS 16 sobre atitudes e entendimentos do respeito à vida, da rejeição à violência, do ouvir para compreender, do ser generoso, da preservação do planeta e da redescoberta da solidariedade (Brasil, 2019).

O judô, desde a sua criação, tem, em sua raiz, filosofias e práticas voltadas para a prosperidade e ajuda mútua, princípios que interagem com a cultura de paz. Também nos tatames há uma série de “regras” que demonstram o respeito a todos, no desenvolvimento das técnicas do esporte, uma vez que as consideradas perigosas ou fatais não integram a proposta da luta.

Dar oportunidade para a criança criar conexões com o “sentipensar” é educá-la para restabelecer a aliança perdida entre pensamento, sentimento e ação; é educá-la no caminho do amor e da solidariedade, tendo em vista o desenvolvimento da sua inteligência, com a escuta do seu sentimento e com abertura afetiva (Moraes, 2008). Essa escuta da criança pôde ser desenvolvida por meio da empatia, ao perceber o mundo do outro com respeito, nas relações entre o sensei e o boneco

Judoca, mediante os princípios do judô e da cultura de paz que foram utilizados nas práticas pedagógicas propostas.

e) Brincadeiras estratégicas propostas: para promovermos a interação entre os princípios de paz e as técnicas específicas do judô, integramos algumas brincadeiras na perspectiva da cultura de paz. A cada brincadeira realizada, a partir dos objetivos e das ações desenvolvidas, refletimos sobre as atitudes que contribuíram ou feriram os princípios de paz e do judô.

- **Campo minado:** em duplas, com pegadas no *judogui*, os judocas se movimentam no tatame sem encostar os pés nos obstáculos (pratos de plástico) distribuídos no chão estrategicamente pelo sensei.

Habilidades: *shintai* (deslocamento) e *kumikatas* (pegadas).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) ouvir para compreender: atenção às explicações da brincadeira e às falas dos colegas; (ii) ser generoso: cuidar e orientar o amigo judoca a não pisar na “mina”; (iii) preservar o planeta: reutilizar pratos; (iv) rejeitar a violência: fazer o *shintai* (movimentação), não ser rude com o outro judoca, interações sem movimentos agressivos, deslocamento no tatame com cuidado como em uma luta; e (v) prosperidade e benefício mútuos: amizade e companheirismo nas lutas.

• **Jacaré:** em duplas, na posição de apoio, braços esticados, mãos espalmadas no tatame para frente e pés em *cochi*, com um judoca de frente para o outro. O objetivo é puxar o braço do outro judoca com o intuito de desequilibrá-lo e derrubá-lo.

Habilidades: *yoko-ukemi* (queda lateral) e *kumikata* (pegada).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) ouvir para compreender: atenção às explicações da brincadeira e às solicitações dos colegas; (ii) ser generoso: a brincadeira é realizada com um amigo judoca, o qual é tratado com respeito ao ser puxado pelo braço, a fim de desenvolver o aprendizado mútuo nas estratégias; (iii) rejeitar a violência: não agredir ao desequilibrar o judoca amigo e não machucar; (iv) gentilmente vencer a brutalidade: dialogar quando sentir que os movimentos são agressivos.

• **Vira faixa:** os judocas colocam o nó da faixa nas costas e, em duplas, tentam puxar o nó da faixa do amigo para frente. Os judocas só podem puxar o nó da sua dupla.

Habilidades: *shintai* (deslocamento), ataque, defesa e *kumikata* (pegada).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) ouvir para compreender: ouvir a explicação da brincadeira; (ii) rejeitar a violência: por ser uma brincadeira agitada, evita-se puxar a faixa com força; (iii) gentilmente vencer a brutalidade; demonstrar

para o colega que é possível atingir o objetivo sem excesso de força.

• **Bola de gelo:** o sensei utiliza uma bola de pilates ou uma bola grande para “congelar” o judoca que for pego. Correndo entre as crianças e conduzindo a bola com as mãos, o objetivo é tocar no judoca com a bola de “gelo” e “congelar”. Assim, o judoca permanece parado esperando outro judoca para salvá-lo com a execução de uma técnica (dar preferência para as técnicas já estudadas para reforçar o aprendizado). Para “quebrar” o gelo, o judoca deve executar um *ukemi* batendo firme a mão no tatame e assim voltar ao jogo para correr e fugir da bola novamente com os outros colegas.

Habilidades: *nague-waza* (técnicas) e *ukemi* (queda).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) ouvir para compreender: ouvir a explicação da brincadeira e solicitação dos colegas; (ii) redescobrir a solidariedade: estar atento às possibilidades de descongelar (salvar) o amigo judoca. Variação: para instigar outros diálogos e significados dos judocas, pode-se trocar a bola por outro objeto.

• **Toca do coelhinho:** distribuir vários arcos ou faixas de judô pelo tatame, que serão as tocas dos coelhinhos. Deixe alguns coelhinhos sem toca e, ao sinal do sensei, todos devem sair e procurar novas tocas. Aqueles que ficarem sem toca “pagam” uma prenda (brinde).

• Habilidade: *shintai* (movimentação).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) ouvir para compreender: ouvir a explicação da brincadeira e os comandos para trocar de toca; (ii) preservar a natureza: utilização de tiras de tecido e materiais reutilizáveis; (iii) respeitar a vida: respeito na disputa da toca, a fim de conquistar seu espaço respeitando o espaço do outro; (iv) rejeitar a violência: não agredir durante a execução da brincadeira.

• **Tartaruga ninja:** Os judocas devem se deslocar a partir de quatro apoios no chão. Dois deles denominados de caçadores ficam de pé e tentam encostar nos demais chamados de “tartarugas ninja”, com o objetivo de transformá-los em caçadores. Quem estiver ameaçado pode virar de costas para o tatame e ficar intocável. Caso o perigo se afaste, elas retornam normalmente à sua mobilidade. Caso a tartaruga se defenda mais de duas vezes, o caçador pode anular sua defesa fazendo, por exemplo, um exercício (técnica do judô) que lhe dá novamente o poder para pegá-lo. Além de explicar a brincadeira, o sensei pode ressaltar a preservação das tartarugas e levar figuras para ilustrar sua fala.

Habilidades: movimentação no chão *ne-waza* e *ushiro-ukemi* (queda de costas).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) preservar a natureza: relação de respeito aos que representam as tartarugas; (ii) ouvir para compreender: atenção nas falas e nos

diálogos; (iii) preservar a vida: respeito à “tartaruga” nos seus movimentos.

• **Pega-pegas O-soto-gari:** o pegador corre para pegar os demais. Quem for pego fica congelado. Para descongelar um colega, é necessário aplicar *o-soto-gari*.

Habilidades: *kumikata* (pegada), *tachi-waza* (técnica em pé: *o-soto-gari*), *ukemi* (queda).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (ii) rejeitar a violência: a brincadeira acontece dentro do tatame, cuidar para não bater nos colegas; (iii) ser solidário: agilidade para realizar as técnicas e descongelar o colega.

• **Vivo ou morto com quedas:** alunos organizados em filas. Quando o sensei fala “morto”, todos fazem *ushiro ukemi* (ou outra queda), e quando fala “vivo”, todos ficam de pé.

Habilidades: *ukemi* (quedas) e *ushiro-ukemi* (queda de costas).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) ouvir para compreender: ouvir a explicação da brincadeira e os comandos com respeito; (iii) preservar a vida: pensar nas relações de vida e morte.

• **Brincadeira do pregador:** colocar vários pregadores no kimono dos judocas, os quais, em dupla e frente a frente, devem tentar tirar o maior número possível do colega. Essa brincadeira pode ser realizada de forma individual ou em equipe. No caso da equipe, vence aquela que tiver mais pregadores.

Habilidades: técnicas de esquiva (*tai-sabaki*).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (ii) redescobrir a solidariedade: um ajuda o outro em prol da equipe.

• **Reloginho espelhado:** em duplas, com o auxílio de um bambolê ou um círculo feito com faixas de judô, com um parceiro de frente para o outro. Um integrante da dupla fica dentro do objeto, enquanto o outro fica próximo, na área externa do bambolê. Aquele que está fora do bambolê, movimenta-se de forma aleatória para a esquerda ou direita com deslocamentos laterais, aproximando-se o quanto possível do deslocamento da luta de judô. O objetivo do que está dentro do bambolê é ficar de frente para o que está fora do objeto, não permitindo que ele chegue em suas costas.

Habilidade: *shintai* (deslocamento).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (iii) preservar a vida: atenção aos ritmos e à sua relação com o tempo de movimento de vida, que destinamos para o bem-estar.

• **Pega primeiro:** em duplas, em um raio de 2 m², com movimentação livre, sem contato inicial. Ao comando do sensei, os judocas devem realizar as ações de pegada de kimono o mais rápido possível, tentando se antecipar ao colega, e variar as pegadas realizadas de acordo com o comando do sensei (gola e manga, manga e manga, gola e gola etc.).

Habilidades: *kumikatas* (pegadas).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (ii) ser generoso: colaborar com a realização das pegadas com respeito.

- **Abraço de urso em dupla:** dois judocas de pé, frente a frente, realizam o cumprimento e a pegada. Ao comando do sensei, *hajime*, ganha aquele que conseguir abraçar o outro pelas costas. A saudação entre eles é feita antes e após a luta.

Habilidades: *shintai* (deslocamento) e agarrar.

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) empatia: favorecer o contato, a integração, a afetividade e as aproximações prazerosas; (iii) rejeitar a violência: aproximar-se do judoca com respeito.

- **Pegar a bola:** em duplas, um deve ficar na posição grupada a fim de agarrar a bola. O objetivo do defensor da bola é não deixar que o atacante pegue, protegendo-a com o corpo. Há, nessa atividade, a iniciação da luta de solo, contexto importante na luta de judô, com noções de ataque e defesa implícitas na atividade.

Habilidades: *ne-waza* (técnicas de solo).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) estratégias de aproximação com respeito no ataque e na defesa; (ii) rejeitar a violência; (iii) gentilmente vencer a brutalidade.

- **Imobilização:** em duplas, um parceiro deve segurar o outro em decúbito dorsal no solo, de uma maneira em que se sinta confortável para imobilizar o colega. Ao sinal do sensei,

aquele que foi imobilizado tenta se desvencilhar e sair da imobilização, e o atacante/imobilizador deve segurar o imobilizado sem deixar que ele vire na posição de decúbito ventral.

Habilidades: *osaekomi-waza* (técnicas de imobilização no chão).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) respeito no contato com o outro; (ii) rejeitar a violência: não ser agressivo na movimentação.

• **Tirar do bambolê:** em duplas, com o auxílio de um bambolê, um dos dois fica dentro do objeto, enquanto o outro está externo ao implemento. O objetivo desta atividade é, por meio de pegadas no *judogui*, movimentações e desequilíbrios, retirar o parceiro que está dentro do bambolê.

Habilidades: *kumikatas* (pegadas), *shintai* (deslocamento) e *kuzushi* (equilíbrio).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) benevolência e compaixão: busca do equilíbrio pessoal e social.

• **Sumô adaptado:** atividade em duplas, mas pode ser realizada em grupos. O espaço para a atividade pode ser delimitado com uma corda para formar um círculo, com uma fita adesiva ou com as faixas dos judocas. O objetivo é tirar o adversário do limite de espaço proposto, por meio de pegadas no *judogui* e da movimentação.

Habilidades: *kumikatas* (pegadas), *shintai* (deslocamento), *kuzushi* (equilíbrio).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) aperfeiçoamento próprio; (ii) prosperidade e benefício mútuos.

• **Centopeia:** duas equipes formam uma centopeia humana e disputam entre si. Os judocas são colocados sentados em fila, um na frente do outro, e o primeiro segura com as duas mãos na região do tornozelo do colega que está atrás dele. Todos fazem essa mesma ação sucessivamente, até que o último apoie as suas mãos no chão. Após o comando, as duas equipes saem se deslocando para frente sem soltar as mãos. Ganha a equipe que chegar primeiro na distância previamente delimitada. Esse espaço pode ser de ida e volta – nesse caso, os judocas precisam inverter a ordem para voltar quando chegarem na marca do retorno.

Habilidade: *kumikata* (pegada).

Atitudes articuladas aos princípios de paz: (i) cooperação; (ii) lealdade; (iii) melhor uso da energia.

Essas são possibilidades de atividades, que, com criatividade, podem ser adaptadas e reconstruídas de acordo com as especificidades da idade, das competências e dos princípios propostos aos judocas. Para Brasil (2018, p. 8) as competências são definidas como, “[...] conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas

complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. Entendemos que o tema cultura de paz no Judô é mobilizador de competências fundamentais para a formação humana e cidadã.

Integrar os princípios de paz nas brincadeiras educativas é uma maneira de vivenciar os propósitos da cultura do judô com efetividade prática e entendimento dos participantes. Desse modo, as estratégias didáticas são formas de organizar o processo de ensino-aprendizagem e favorecer o conhecimento do judô. Os recursos didáticos facilitam e aproximam a prática do esporte, pois promovem o contato direto com a modalidade. Conforme Kunz (2004), a prática dos exercícios, dos jogos e das brincadeiras auxilia no desenvolvimento de novos sentidos, o que torna importante integrar os arranjos de materiais para ajudar na execução de movimentos mais complexos e suprir as dificuldades dos participantes.

Assim sendo, desenvolver uma proposta de práticas pedagógicas para o judô na perspectiva da cultura de paz é uma integração de saberes e de fazeres que geram uma postura interdisciplinar.

4.3 Percepções sobre as práticas educativas para o judô

O desenvolvimento de práticas educativas para o judô possibilitou experiências perceptivas a partir do mundo vivido, no

corpo em movimento, promovendo a abertura perceptiva para a cultura de paz. A integração entre valores sociais e a prática do judô ampliou as relações e as expressividades dos indivíduos na execução das técnicas e dos princípios dessa arte marcial.

Foi fundamental favorecermos a execução do judô com práticas pedagógicas que instigassem percepções sobre a forte correlação existente entre a cultura de paz e esse esporte. A valorização dessa interação pôde efetivar os princípios da cultura de paz nas práticas educativas. Desse modo, a compreensão dos processos educativos para a prática do judô desencadeou uma produção interativa dos valores humanos e sociais.

A partir da expressão dos gestos técnicos e dos princípios que constituem a modalidade do judô, as atitudes e os movimentos dos alunos integraram domínios do saber-fazer-ser que ocorreram na vivência do jogo comunicativo. Os recursos didáticos colaboraram com essa prática e com o entendimento dessa luta, como a confecção do boneco Judoca, que se tornou uma estratégia para promover o ensino-aprendizagem, com experiências mais livres e que instigaram a expressão pessoal do aluno.

Ao organizarmos os materiais que compuseram o boneco Judoca, integramos recursos acessíveis com visão de sustentabilidade para a preservação do meio ambiente, por

exemplo, com o reaproveitamento das roupas das próprias crianças e dos retalhos de tecidos.

As práticas educativas proporcionaram um processo criativo pessoal e coletivo dos participantes na interação social, o que ampliou seus conhecimentos sobre o judô, do fazer e ser criança, com indagações e busca de práticas que instigassem significados e sentidos para suas vivências.

Percebemos que, para a criança entender o judô e a cultura de paz, foi preciso integrar o mundo simbólico ao mundo real. Isso ocorreu principalmente pelo brincar, pois essa é uma expressão que é parte essencial da dimensão do ser do humano.

[...] é no brincar que ocorre a instauração do processo criativo, e, na evolução do homem, o fenômeno de sua humanização apresenta-se fortemente vinculado à ampliação de sua coordenação motora e ao surgimento de intencionalidades. O movimento humano passa a ser significativo (Santin, 2003, p. 103).

As práticas pedagógicas e os recursos didáticos criados foram realizados com uma criança de 7 anos de idade, a fim de identificarmos como o boneco Judoca contribuiria para a sua vivência no judô. Conforme Meller (2018), a vida e o aprendizado do ser humano acontecem no movimento, na dinâmica da experiência. Nesse sentido, a área da Educação Física oportuniza experiências aos indivíduos porque “[...] seus principais saberes e objetos de estudo estão vinculados ao corpo e ao movimento em constante comunicação interna e externa,

promovendo afetamentos e conhecimentos, em constante transformação” (Meller, 2018, p. 60).

Na organização da proposta educativa, buscamos a integração com uma criança que frequenta a SKD Judô para realizar todo o percurso da abordagem educativa, desde a escolha das roupas até a confecção do boneco Judoca e a prática do esporte. A integração com esse judoca ocorreu por iniciativa da própria família ao reconhecer a proposta desta pesquisa, apoio que foi importante para a organização dos recursos das atividades. Nessa intencionalidade, procuramos apreender os fenômenos que se apresentaram, com foco na percepção das significações que ocorreram durante o processo pedagógico.

Tais processos educativos foram promovidos pelas ações comunicativas objetivas, subjetivas e intersubjetivas entre os sujeitos e os recursos didáticos. Para Merleau-Ponty (1999), é necessário retornar às coisas mesmas, ao mundo anterior ao científico, aos fenômenos da experiência vivida que se apresentam na consciência desde quando somos crianças. Trata-se do retorno aos fenômenos para uma visão de mundo em sua essência, de modo mais natural. Esse é um campo que possibilita a experiência direta e suas percepções, a fim de compreendermos e descrevermos o mundo vivido pelo sujeito. A percepção é a porta de abertura para o mundo, e a criança

entra nele conforme as suas capacidades de apreensão dos fenômenos vividos.

As vivências oriundas das relações do judoca com o recurso pedagógico foram uma maneira de despertar as capacidades perceptivas da criança ao dialogar com o outro e perceber-se nele, nesse caso no boneco Judoca. O reconhecimento da estrutura e do movimento do corpo foi provocado nas relações de cuidado, de afeto e de prática do judô. Além disso, foi possível ampliarmos a noção de corporeidade da criança ao ser refletida no corpo do boneco Judoca como extensão de si mesma, pois as características que a criança elencou para ele são similares às suas próprias.

A integração da criança, em todas as fases de construção do boneco, mobilizou a sua percepção para o corpo humano e suas capacidades. Em conjunto, dialogamos sobre o percurso da vida, desde o nascimento, e os elementos que integravam os princípios e o movimento do judô, em uma perspectiva de evolução. A criança, em seu mundo vivido, cria e desenvolve a brincadeira, com histórias e elementos que se tornam concretos em seu imaginário. A possibilidade de ter um amigo judoca a deixou extremamente felizes pela possibilidade de ensinar e de ter um instrumento para treinar em casa. Merleau-Ponty (1999) compreende a natureza como uma estrutura em que tudo se encontra tecido em conjunto e é essa a concepção que reconhecemos: a resposta da criança vem por meio da

integração geral que gera atitudes e o sentir, desejos, sensações e sentimentos na ação corporal.

O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor. Com o problema do sentir, redescobrimos o da associação e da passividade (Merleau-Ponty, 1999, p. 84).

Na confecção do boneco Judoca, ficaram muito evidentes as relações simbólicas e interativas da criança, que, no brincar, expressou a sua visão do mundo real, das percepções de si mesma e do outro. Ela pôde escolher a cor dos olhos do boneco, o seu nariz pequeno, as suas sardas e bochechas rosadas, os seus lábios carnudos e enfatizou o seu sorriso, a fim de mostrar que era um boneco feliz. Entretanto, o mais importante foi a forte intenção e percepção da criança de gerar uma vida para estabelecer relações afetivas e de amizade. Entre os recursos para a criação do boneco, havia um coração para introduzir no seu corpo e simbolizar a sua vida. O nome dado pela criança ao boneco foi Gustavo Vieira, pois queria ter esse nome e achava bonito.

Ficamos emocionados quando a criança colocou uma mão em cima do coração do boneco, e a outra utilizou para fechar seus olhos para nascer, dizendo que, assim, ganhou a vida. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 174), “[...] há um elo

entre sentir e assumir uma atitude perante o mundo exterior; todo movimento se desenrola sobre um fundo perceptivo, e toda sensação implica uma exploração motora ou uma atitude do corpo”.

Para vestir o boneco confeccionado, solicitamos as roupas antigas da própria criança, o que tornou a relação dela com o boneco ainda mais familiar. Foi interessante a iniciativa da criança de escolher roupas quentes, visto que estava frio, e com a sua cor favorita, o azul. Assim, ela vestiu suas roupas no boneco com certa dificuldade, mas disse que iria fazer essa tarefa sozinho porque um judoca ajuda o outro.

A vivência da proposta educativa possibilitou uma experiência com foco na humanização dos processos de ensino-aprendizagem para o judô, com atenção para as individualidades da criança. Nos momentos de interação para a confecção do judoca Gustavo Vieira, sentimos que nasceu um desejo simbólico de gerar a vida ao boneco. Nas vivências entre a criança e o boneco no tatame, ela ensinou golpes a ele e vivenciou as técnicas do esporte, movimentando-o. Por exemplo, ela ensinou o boneco a cair sem se machucar para que pudessem sempre treinar juntos.

Foi importante percebermos os valores e as relações de proteção à vida da criança. Ao final, ela expressou que foi o dia mais feliz de sua vida. Nos outros dias, desejou levar seu boneco e companheiro para o treino. Ficou evidente a representação de

um ser humano criado simbolicamente pela criança: ela ofereceu água no intervalo da atividade física e deixou ele em uma cadeira para descansar, avisando-o que depois iria buscá-lo. No final do treino, no momento de reflexão e meditação *mokuso*, alertou-o para o silêncio, com o espírito de ajuda mútua presente no judô e nos pilares da cultura de paz.

Dessa maneira, explorarmos a proposta pedagógica na prática expandiu horizontes, resignificando o ato de educar, de ensinar o judô e a cultura de paz. Conforme Weil (2007), as práticas para o desenvolvimento da cultura de paz envolvem uma visão holística do ser humano; para isso, é fundamental uma relação respeitosa e harmônica com a natureza e a sociedade.

Além de ensinar o objeto do estudo, o educador deseja que o seu educando se sinta realizado e feliz, por isso entendemos que atingimos o objetivo proposto na prática pedagógica. A experimentação da prática foi importante para “[...] ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles e estar ao lado deles” (Merleau-Ponty, 1999, p. 142).

Todos os princípios do judô que desejamos ensinar na perspectiva da cultura da paz foram identificados e instigados por meio dessa proposta, em especial por meio do boneco Judoca. Desejamos que as crianças aprendam brincando e que

seu brincar seja respeitado e valorizado na organização de suas aprendizagens e de suas livres expressões. Compreendemos que as manifestações culturais são temáticas que instigam relações humanas e carregam modos de se relacionar com o outro, portanto exigem posturas éticas para alcançar objetivos que são pessoais. Nessa perspectiva, o judô é uma maneira de viver um tempo passado que se revela no presente, carregado de ressignificações que possibilitam o ser humano a compreender suas experiências e sua cultura.

CAPÍTULO 05

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento da abordagem educativa do judô, na perspectiva da cultura de paz, propomos caminhos que favorecessem diversas estratégias para a vivência do esporte pelas crianças. Entendemos que as relações de convivência entre os envolvidos na pesquisa e nas práticas pedagógicas foram fundamentais para a visão do brincar e do esporte/arte marcial judô atrelada ao respeito mútuo, à expressão das habilidades técnicas, sociais e comunicativas, uma vez que envolveram o cuidado de si e do outro. A prática do judô apresentou-se importante para a ampliação do repertório de movimento e de cultura das crianças que praticam a luta, bem como para a sua formação social. A relevância das ações educativas está no fortalecimento das relações humanas e na compreensão humana mútua, considerando o bem-estar pessoal e coletivo.

A partir da proposição das práticas educativas do judô, buscamos a ampliação de estratégias e de recursos para a expressão e os processos criativos das crianças. Assim, pretendemos que a efetivação da abordagem contribua para a consolidação do saber-fazer-conviver na paz, com o fortalecimento das interações sociais. Foi fundamental organizarmos adequadamente maneiras de ensinar-aprender o

judô para as crianças, com princípios e procedimentos que respeitem seu tempo de vida, seu mundo imaginário, sua capacidade perceptiva e seu desenvolvimento multidimensional.

Nesse caminho, é importante reencontrarmos a liberdade expressiva na educação e no esporte, buscando quebrar paradigmas reducionistas e mecanicistas. Viver na dinâmica da cultura de paz é um processo cotidiano de atitudes que envolve as relações com o outro e consigo mesmo, com diferentes práticas diárias que integram esse propósito. As implicações didáticas dessa proposta derivam da visão abrangente de educação, pois a paz é projetada para o bem-estar social. Nesse sentido, o caminho suave do judô teve um percurso na própria vida da criança por meio da criação do boneco Judoca.

Ao compreendermos a importância do desenvolvimento das práticas pedagógicas, buscamos adequar o judô como um processo reflexivo e criativo, o qual resultou na proposta de criação do boneco Judoca.

A cultura de paz fortalece a intencionalidade do judô em sua prática e em seus princípios, nos tatames e na vida cotidiana. O judô, influenciado pela cultura de paz, pode provocar o ser humano a transcender e a evoluir em sua individualidade e ampliar seus laços na sociedade. Assim, a educação para a paz no judô aflorou como um processo de ação e reflexão; a partir disso, converteu-se em prática de transformação e de protagonismo.

Por meio das práticas pedagógicas, identificamos que o judô está intimamente relacionado à cultura de paz e tem abertura para processos criativos. Para ser desenvolvido com as crianças e para ser integrado nas instituições educativas, o judô deve ser pautado nos princípios de sua origem, da ajuda mútua e força vital para o bem. Logo, identificamos ligações entre os princípios, as habilidades do judô e da cultura de paz. Correlacionamos aos princípios propostos pela UNESCO (2000) para a cultura de paz, pautados nas atitudes e nos entendimentos do respeito à vida, da rejeição à violência, do ouvir para compreender, do ser generoso, da preservação do planeta e da redescoberta da solidariedade.

Os resultados deste estudo evidenciaram que o judô é uma manifestação cultural fortalecedora da formação social das crianças por apresentar princípios que se correlacionam com a cultura de paz e que são vivenciados no desenvolvimento técnico da luta. A formação educativa para a vivência do judô busca fortalecer as relações sociais e a expressão das percepções humanas da criança de modo simbólico sobre o bem-estar pessoal e coletivo. A proposta educativa considerou as habilidades e aprendizagens por meio de diversos recursos e organização das estratégias educativas do percurso da prática do judô. Ademais, tornou possível a apropriação de linguagens da cultura de movimento e de paz com criatividade.

Essa proposição contribuiu para avanços educativos no judô e favoreceu a prática interativa que integra valores humanos e sociais. As políticas públicas sociais de apoio ao esporte e à educação são fundamentais para a efetividade da proposta educativa para o judô e para o fortalecimento das instituições educativas. Entendemos que por meio do fortalecimento de programas e projetos de incentivo público municipal, estadual e nacional, nas instituições educativas, é possível ampliar as práticas e estabelecer parcerias em prol do judô e da cultura de paz.

A apropriação de conhecimentos é o desejo de quem se propõe a pesquisar, escolha do tema e da problemática desta pesquisa se deu devido à necessidade de avançarmos nas práticas educativas e colaborarmos com as técnicas do judô integradas aos valores sociais da cultura de paz. A abordagem educativa visou fortalecer o “eu” e suas relações com o outro e o meio vivido.

O judô na cultura de paz reacendeu os ensinamentos de Jigoro Kano em busca de avanços nas práticas esportiva, com visão multidimensional do ser humano físico, biológico, social, cultural, psicológico e espiritual avançamos nas práticas e nos seus objetivos.

Jigoro Kano não cruzaria os braços diante da violência instalada em nossa sociedade, pois fez a diferença no contexto social em que vivia, lutando para o bem viver. Por meio dos

conceitos teóricos estudados, ficou evidente que o judô e a cultura de paz se entrelaçaram perfeitamente e possibilitaram práticas educativas integradoras.

Ressaltamos que, para ensinar mais do que técnicas de judô, o professor/sensei necessita transcender os saberes e ensinamentos, com a intencionalidade de convergir os conhecimentos técnicos em prol da cultura de paz. A proposta educativa buscou favorecer o brincar e o boneco Judoca tornou-se um elo entre a criança e o seu mundo, simbólico e real. A confecção do boneco Judoca possibilitou entrelaçar campos teórico-práticos com maior aproximação e encantamento da criança, bem como a integração com as famílias.

A perspectiva fenomenológica provocou o olhar intencional e a percepção das pesquisadoras, de modo que, com reflexão, foi possível desvelarmos os fenômenos percebidos sobre as práticas educativas do judô e as possibilidades de desenvolver a cultura de paz. Assim sendo, o desejo de inovar as práticas educativas para o judô despertou o interesse de aplicarmos a proposta pedagógica na SKD Judô, aprofundarmos estudos, fazermos registros da efetivação dos procedimentos metodológicos integrando os senseis, dirigentes e judocas no processo teórico-prático, no planejamento e no desenvolvimento com a religação de saberes.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Educação para uma cultura de paz: teoria e prática de vinte anos. *In*: MAGALHÃES, D. (org.). **A paz como caminho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007. p. 34-37.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**.
Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [1996]. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 18 jul. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**.
Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>.
Acesso em: 30 set. 2022.

BRASIL. 16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes. **IPEA**,
Brasília, 2019. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/ods/ods16.html#:~:text=Promover%20sociedades%20pac%C3%ADficas%20e%20inclusivas,inclusivas%20em%20todos%20os%20n%C3%ADveis>. Acesso em: 1 set. 2021.

CARTAXO, C. A. **Jogos de combate**: atividades recreativas e psicomotoras. Teoria e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

COELHO, L. M. C. História(s) da Educação Integral. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 80, p. 83-96, abr. 2009. DOI:
<https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.21i80.2222>

COSTA, A. R.; SOUZA, M. F.; MIRANDA, D.; KUNZ E. “Brincar e se-movimentar” da criança: a imprescindível necessidade

humana em extinção? **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 19, n. 3, p. 45-52, set./dez. 2015.

COSTA, A. R.; SOUZA, M. F. de; MIRANDA, D.; KUNZ, E. “Brincar e se-movimentar” da criança: a imprescindível necessidade humana em extinção? **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 19, n. 3, p. 45-52, 2016.

DITTRICH, M. G. **Arte e criatividade, espiritualidade e cura:** a teoria do corpo-criaste. Blumenau: Nova Letra, 2010.

DITTRICH, M. G.; LEOPARDI, M. T. Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 11, n. 18, p. 97-117, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2015v11n18p97>

DITTRICH, M. G.; PAHL, C. G.; MELLER, V. A. Escola como espaço de ciência com consciência: iniciativas transdisciplinares e escolas criativas. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 43, p. 284-295, 2021.

FARIA, Hamilton. **Educação e Cultura de Paz**. Caderno da Cultura de Paz. São Paulo: Abaçaí Cultura e Paz. 2002. Disponível em <http://revelandosaopaulo.org.br/rv/wpcontent/uploads/2014/04/cultura-de-paz.pdf> Acesso em 10 de agosto de 2022.

FRANKL, V. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOHN, M. da G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio:** avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GUIMARÃES, M. R. Desafios para a construção de uma cultura de paz. **Divulgação em Saúde para Debate**, Londrina, n. 39, p. 14-22, jun. 2007.

HOFFMANN, L. **A influência do xintoísmo, pensamento chinês e zen na formação do bushido e a experiência zen de Eugen Herrigel**. 2007. 158 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

IJF. International Judo Federation. Method: How do we work. **Judo in schools**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://schools.ijf.org/method>. Acesso em: 1 jul. 2022.

KANO, J. **Kodokan Judô**. Tokyo: Kodansha, 1994.

KANO, J. **Energia mental e física:** escritos do fundador do judô. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Pensamento, 2008.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MACHADO, R. B. **A constituição da docência na contemporaneidade:** um olhar para a Educação Física. 2013. Anteprojeto de tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MELLER, V. A. **Corpo arte na Educação Física:** a expressão do movimento do ser. 2018. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2018.

MELLER, V. A.; DITTRICH, M. G. Quintal: uma instalação ecoformativa de saberes e vivências na Educação

Infantil. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 33, n. 2, p. 146-162, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/rp.v33i2.74866>

MELLO, S. A. O processo de aquisição da escrita na educação infantil contribuições de Vygotsky. *In*: GOULART, A. L.;

MELLO, S. A. (org.). **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 23-40.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MESQUITA, C. **Judô**: da reflexão à competição: o caminho suave. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MORAES, M. C. **Ecologia dos Saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação. São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de la. **Sentipensar**: Fundamentos e estratégias para reencantar a educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e a incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2007.

NÓBREGA, T. P. da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. 1999. Disponível em: https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

ROKSETH, T. A paz pode ser ensinada? **Unesco**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/janeiro-marco-2018/paz-pode-ser-ensinada>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTIN, S. **Educação Física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

SANTOS, S. G. dos. **Judô**: buscando o caminho suave. Florianópolis: Duplic Gráfica e Editora, 2014.

SANTOS, S. O. dos. **A integração do Oriente-Occidente e os fundamentos do judô educativo**. 2013. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1006>. Acesso em: 16 jul. 2022.

SARMENTO, M. J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.). **Das pesquisas com crianças à**

complexidade da infância. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 27-60.

SKD Judô. Associação de Pais e Amigos de Judô e Dança. **Projeto Institucional e Relatório anual.** Itajaí: SKD Judô, 2022.

SOUZA, K. P. de Q.; ERTZOGUE, M. H.; ZWIEREWICZ, M. Ecoformação: entre dilemas e desafios, um olhar transformador para o século XXI. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 4, p. 119-128, 2020.

SPOSATI, A. Exclusão social. *In*: BOULLOSA, R. de F. (org.). **Dicionário para a formação em gestão social.** Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 64-66.

STEVENS, J. **Três mestres do budo.** Tradução Luiz Carlos Cintra. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

TELLES, T. C. B. A infância na fenomenologia de Merleau-Ponty: contribuições para a psicologia e para a educação. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 6, n. 2, p. 4-14, 2014.

TELLES, T. C. B. A criança no corpo a corpo em combate: uma discussão em perspectiva fenomenológica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84062>

TORRE, S. de L.; MORAES, M. C.; TEJADA, José; PUJOL, Maria Antonia. Decálogo sobre transdisciplinaridade e ecoformação. *In*: TORRE, S. de L.; MORAES, M. C.; PUJOL,

M. A. (org.). **Transdisciplinaridade e Ecoformação:** um novo olhar sobre a educação. Tradução Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008. p. 19-61.

TORRE, S.; VIOLANT, V. (org.). **Comprender y evaluar la criativiad.** Málaga: Octaedro, 2006.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Manifesto 2000**. Brasília: Unesco 2000. Disponível em: https://www5.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/manifesto_2000_UNESCO_cultura_da_paz.pdf. Acesso em: 4 maio 2022.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Cultura de paz no Brasil**. Brasília: Unesco, [202-?]. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/fieldoffice/brasilia/expertise/social-human-sciences-culture-peace>. Acesso em: 4 maio 2022.

VERÍSSIMO, D. S. Merleau-Ponty e a psicologia infantil: análises da psicogênese em Wallon. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 459-469, set. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000300013>

VERÍSSIMO, D. S. Lugar do Imaginário: diálogos a partir do espelho lacaniano. **Memorandum**, Belo Horizonte, n. 24, p. 100-121, abr. 2013.

VILLAMON, M.; ESPARTERO, J. La lucha en Oriente: el significado de “do”. In: VILLAMON, M. (org.). **Introducción al Judô**. Barcelona: Hispano Europea, 2011. p. 91-99.

VIRGÍLIO, S. **Personagens e histórias do judô brasileiro**. Campinas: Editora Átomo, 2002.

WATSON, B. N. **Memórias de Jigoro Kano**: o início da história do judô. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2011.

WEIL, P. Educação para uma cultura de paz: teoria e prática de vinte anos. In: MAGALHÃES, D. (org.). **A paz como caminho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007. p. 38-49.

Agência Brasileira ISBN
ISBN: 978-65-6016-026-2

Um dos grandes desafios de Jigoro Kano era elaborar um estilo de arte marcial que fosse capaz de explicar não apenas as fases de ataque e defesa de uma disputa, mas, sobretudo propor um modo de viver que não se findasse apenas na execução de técnicas e preparo físico, mas avançasse à construção do caráter, da moral e da espiritualidade. Para isso, utilizou-se de filosofias e religiões para embasar essa nova arte marcial que ele denominou de judô. Ao ler a obra das autoras Saskia Lingner Otávio e Vanderléa Ana Meller me deparei com algo que, ao longo dos anos de docência na disciplina de judô para estudantes do ensino superior, mas me desafiava – a aplicação dos princípios educativos idealizados por Jigoro Kano no ensino do judô.

Surpreendentemente, as autoras vão além dessa aplicação e conseguem propor uma interação dialógica entre os princípios educativos de Jigoro Kano e a cultura de paz, passando pelas nuances do “ser” criança na infância na construção do movimento humano. Em linguagem clara e didática as autoras apresentam uma abordagem educativa do judô como um meio de promover a cultura de paz de forma bastante aprofundada e reflexiva.



Brazilian Journals Publicações
de Periódicos e Editora

ISBN: 978-65-6016-026-2